

ANO 4 - NÚMERO 42 - ABRIL 2018

xapuri

SOCIOAMBIENTAL

R\$ 10

CONTESTADO:

A GUERRA E SEUS RESULTADOS

p. 08

BIODIVERSIDADE

Cinco animais do Cerrado em risco de extinção

p. 24

MITOS E LENDAS

Nove mitos sobre Tiradentes e a Inconfidência Mineira

p. 38

SAGRADO INDÍGENA

Ara Eté:
por que as mães Guarani rejeitam a creche?

p. 40



**Criar espaços para
que a ousadia aconteça
Transformar limites em
novas inspirações
Ter um propósito coletivo**

**Pensar FENAE é
pensar em você.**



FENAE

FEDERAÇÃO NACIONAL DAS ASSOCIAÇÕES
DO PESSOAL DA CAIXA ECONÔMICA FEDERAL

Você em movimento

“ **Meu Deus! Meu Deus!**
Se eu chorar, não leve a mal
Pela luz do candeeiro
Liberte o cativo social ”

Paraíso do Tuiuti
Samba Enredo 2018

COLABORADORES/COLABORADORAS ABRIL

Altair Sales Barbosa – Arqueólogo. Ana Perugini – Parlamentar. Andrés del Castillo – Fotógrafo. Antenor Pinheiro – Jornalista. Bia de Lima – Educadora. Eduardo Pereira – Produtor Cultural. Emir Sader – Sociólogo. Fernanda Bertin – Publicitária. Iêda Leal – Educadora. Iêda Vilas-Boas – Escritora. Jaime Sautchuk – Jornalista. José Ribamar Bessa Freire – Jornalista. Leonardo Boff – Escritor. Lúcio Flávio Pinto – Jornalista. Nairim Bernardo – Jornalista. Trajano Jardim – Jornalista. Zezé Weiss – Jornalista.

CONSELHO EDITORIAL

- | | |
|--------------------------------------|--|
| 1. Jaime Sautchuk – Jornalista | 7. Emir Sader – Sociólogo |
| 2. Zezé Weiss – Jornalista | 8. Graça Fleury – Socióloga |
| 3. Altair Sales Barbosa – Arqueólogo | 9. Jacy Afonso – Sindicalista |
| 4. Ângela Mendes – Ambientalista | 10. Jair Pedro Ferreira – Sindicalista |
| 5. Antenor Pinheiro – Jornalista | 11. Iêda Vilas-Bôas – Escritora |
| 6. Elson Martins – Jornalista | 12. Trajano Jardim – Jornalista |



EXPEDIENTE

Xapuri Socioambiental
Telefone: (61) 9 9967 7943. **E-mail:** contato@xapuri.info. **Razão Social:** Xapuri Socioambiental Comunicação e Projetos Ltda. CNPJ: 10.417.786\0001-09. **Endereço:** BR 020 KM 09 – Setor Village – Caixa Postal 59 – CEP: 73.801-970 – Formosa, Goiás. **Atendimento:** Geovana Vilas Bôas (61) 9 9884 4810. **Edição:** Zezé Weiss, Jaime Sautchuk (61) 98135-6822. **Revisão:** Lúcia Resende. **Produção:** Zezé Weiss. Jornalista Responsável: Thais Maria Pires – 386/ GO. **Menor Aprendiz:** Ana Beatriz Fonseca Martins. **Mídias Sociais:** Eduardo Pereira. **Logística:** Calleb Reis. **Tiragem:** 5.000 exemplares. **Circulação:** Revista Impressa – Todos os estados da Federação. Revista Web: www.xapuri.info. **Distribuição:** Revista Impressa: Todos os estados da Federação. ISSN 2359-053x.

A índole do povo brasileiro é pacífica. Já ouvimos essa frase nos dizeres de políticos, juizes, empresários, religiosos e até de historiadores. Enfim, nas palavras de tudo quanta gente, desde sempre.

Também já ouvimos dizerem, com igual assiduidade, que o povo brasileiro é bom de briga, não foge à luta. Sempre que provocado ou chamado, se faz presente.

São duas verdades comprovadas pelo ditame inexorável da História, soberana em seus registros. A leveza dos tempos e a justeza das causas são os dois fatores determinantes da prevalência de uma ou outra atitude coletiva.

É disso que trata a matéria de Capa desta edição da sua Xapuri. Talvez menos conhecida do que outros conflitos, a Guerra do Contestado adotou esse nome por ter tido seu epicentro numa parte do país então disputada pelos estados do Paraná e Santa Catarina. Mas nada teve a ver com essa disputa.

As causas daquele conflito armado estavam na estrutura social, econômica e política então vigente. Ao poder absoluto dos “coronéis” se somava a novidade do expansionismo além-fronteiras dos Estados Unidos, o imperialismo nos seus aspectos mais visíveis.

Mas há muito mais o que ler nesta revista que você começa a folhear, sempre com invejável beleza plástica, modéstia à parte. A começar pela ponte em formato de anel, mais uma inovação de nossos vizinhos uruguaios.

Através da narrativa dos próprios indígenas, você vai saber, também, porque as mães da etnia guarani rejeitam deixar suas crianças em creches. Este e outros aspectos da educação daquela meninada.

Ah, sim, e ainda a receita da galinha caipira com folhas de ora-pro-nóbis, uma delícia! Isso tudo e muito mais, nesta Xapuri número 42.

Boa leitura!

Zezé Weiss e Jaime Sautchuk

Editores





Mensagens pra Xapuri

contato@xapuri.info

Uma revista de luta e resistência! As matérias da Xapuri são muito importantes para os tempos de hoje...

Thay Sodré – São Luís, Maranhão.

Adoro a Xapuri porque, além de linda de se ver, os textos são fantásticos.

Arisa Peniche – Brasília, Distrito Federal.

Entro no site da Xapuri todos os dias para ver as novidades. Sempre tem coisa boa lá, e a revista impressa é ótima também.

Ícaro Costa – Goiânia, Goiás.

As imagens mais populares da @revistaXapuri



Imagem do mês

Bombou no Instagram! Essa imagem proveniente da BBC Brasil revela a verdadeira aparência de Jesus, segundo historiadores. Moreno, baixinho e mantinha os cabelos aparados, como os outros judeus de sua época.

Marque suas melhores fotos do Instagram com a hashtag

#revistaxapuri

Sua foto pode aparecer AQUI!



08

CAPA

Contestado: a guerra e seus resultados

26

ECOTURISMO

Ponte em formato de anel da Laguna Garzón: maravilha arquitetônica uruguaia inédita no mundo

15

AGROECOLOGIA

Pinhão não se colhe verde

30

GASTRONOMIA

Frango com ora-pro-nóbis
Delícia gastronômica da Serra do Cipó

20

CONSCIÊNCIA NEGRA

Reverências a Winnie Mandela, a que abriu picadas e apontou caminhos para a luta do movimento negro

45

UNIVERSO FEMININO

Como o patriarcado desmantelou o matriarcado, diabolizando a mulher

Xapuri – Palavra herdada do extinto povo indígena Chapurys, que habitou as terras banhadas pelo Rio Acre, na região onde hoje se encontra o município acreano de Xapuri. Significa: "Rio antes", ou o que vem antes, o princípio das coisas.

Boas-Vindas!

16

BIODIVERSIDADE

Cinco animais do Cerrado em risco de extinção

36

MEIO AMBIENTE

Quem ganha?

18

CONJUNTURA

A força democrática do Lula

38

MITOS E LENDAS

Nove mitos sobre Tiradentes e a Inconfidência Mineira

24

ECOLOGIA

A fábula do pé de Sabiú
A peleja entre a felicidade e a ganância

40

SAGRADO INDÍGENA

Ara Eté: por que as mães Guarani rejeitam a creche?

34

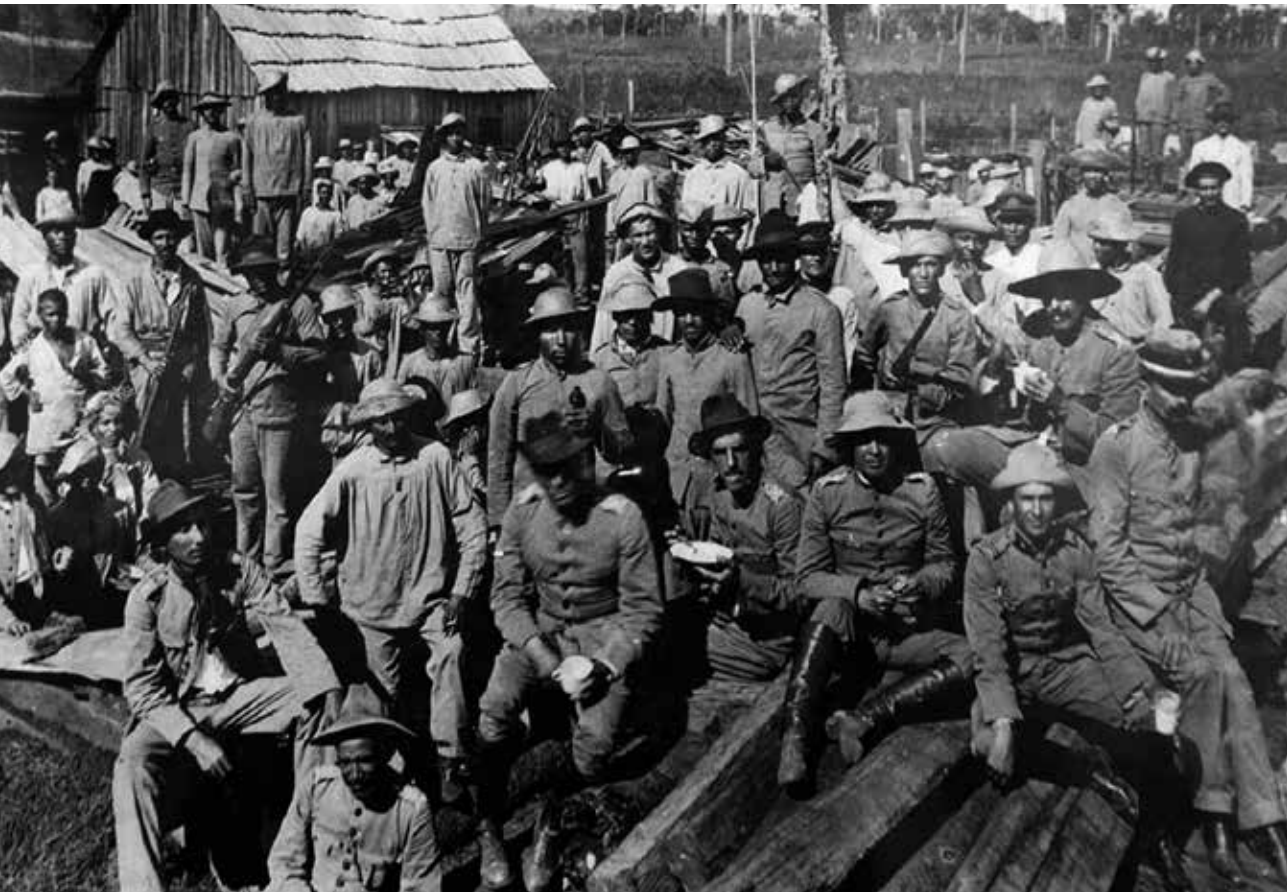
CIDADANIA

Bilhete pra um operário

48

URBANIDADE

A ideologia da cidade de Atílio



CONTESTADO:

A GUERRA E SEUS RESULTADOS

Jaime Sautchuk

Das revoltas populares até então ocorridas no Brasil, a que obteve resultado mais concreto – uma reforma agrária – foi sem dúvidas a Guerra do Contestado, em Santa Catarina. O prolongado conflito armado (1912-1916), exigiu o emprego do que havia de mais avançado nas Forças Armadas brasileiras, em pessoal e armamentos, sendo a primeira vez que se utilizou avião em ações bélicas no país.

Nele, morreram entre 10 e 15 mil pessoas e, embora apresentado como um movimento puramente espiritualista, místico, sua moti-

vação foi nitidamente socioeconômica, política e anti-imperialista. Foi, ademais, um momento histórico em que mulheres se firmaram como lideranças combatentes, num ambiente socioeconômico que já havia projetado, sete décadas antes, a figura de Anita Garibaldi.

As populações da região já vinham demonstrando insatisfação com a situação do país, em pleno coronelismo, por longo tempo. Mas o estopim que deflagrou o processo foi a decisão da Velha República, em 1908, de entregar a obra da estrada de ferro São Paulo-Rio Gran-

de – e as terras ao seu redor – ao magnata estadunidense Percival Farquhar, que já havia construído a Madeira-Mamoré, na Amazônia, fronteira com a Bolívia.

A construção da São Paulo-Rio Grande havia começado ainda no Império, por decisão de D. Pedro II, mas a obra ficara a cargo do engenheiro João Teixeira Soares, autor do projeto, que concluiu o trecho de 270 km entre Itararé (SP) e União da Vitória, na margem do rio Iguaçu, fronteira Sul do Paraná, em 1905. Até ali, sem problemas, pois a empresa era remunerada nor-

malmente.

Vale a ressalva de que ninguém era contra a construção da ferrovia em si, pois todos a viam como algo benéfico. Afinal, era o progresso que chegava, com empregos e mais fácil acesso aos grandes centros, promovendo o comércio, com o escoamento da produção regional e a importação de bens de consumo, nos moldes capitalistas.

No entanto, o governo do presidente Afonso Pena fez um acordo de pai pra filho com a *Brazil Railway Company*, empresa de Farquhar. Esta recebeu de mãos beijadas 15 km em linha reta de cada lado da ferrovia pra explorar madeira e colonizar, loteando e vendendo as terras. Pra isso, ele criou a “Lumber”, como ficou famosa (e odiada) na região a empresa *Southern Brazil Lumber & Colonization Company*.

POPULAÇÕES

Ocorre que eles se esqueceram de um pequeno detalhe: aquela faixa de 30 km de terras era habitada por gente, que eram os índios nativos, os caboclos e os coronéis dominadores que viviam em toda a região desde o século XVIII. O conflito era latente, compensado pela crença religiosa, mas a fé virou estimulante da luta armada.

Isolado do litoral pela Serra do Mar, à época intransponível, o Centro-Oeste de Santa Catarina foi ocupado pelos pousos de tropeiros que levavam gado do Rio Grande do Sul a São Paulo e, no sentido inverso, erva-mate e pinhão que chegavam aos mercados da Argentina e Uruguai. As terras foram ocupadas e povoadas foram formados em toda a vasta região.

Em seu livro “Messianismo e Conflito Social” (Civilização, 1966), o antropólogo Maurício Vinhas de Queiroz conta que, desde bem antes, a região já era habitada pelos

índios Kaingang e Xocrén, que lavavam línguas do mesmo tronco, mas não se davam bem. Os primeiros fixavam aldeias em campos abertos e cultivavam o milho; os outros eram nômades e viviam apenas da caça e coleta, nos bosques de araucárias, vales e morros.

O contexto social no período próximo ao conflito era um pouco mais complexo nas vilas e cidades dos dois estados, como registrou esse autor:

“Ali, sob o poder político e muitas vezes entrando em conflito com eles, havia uma incipiente burguesia comercial e manufatureira, havia também artesãos, como padeiros, seleiros, sapateiros, e havia, ainda, caixeiros e trabalhadores braçais. Essa gente dos burgos, de tendência oposicionista e radical, teve também seu papel na guerra do Contestado.”

O novo trecho da estrada de ferro iria dali, do rio Iguaçu, até o rio Uruguai, que divide Santa Catarina do Rio Grande do Sul. Seriam necessárias duas pontes de grande porte, portanto. Ademais, o trajeto da ferrovia levava em conta que aquela era uma área disputada até com a Argentina, como sequela da Guerra do Paraguai, e por isso seguia pela margem esquerda do rio do Peixe (afluente do Uruguai), em terreno sinuoso, difícil, em vez dos campos do planalto.

A área à Oeste desse rio, dali até a fronteira argentina, foi pleiteada pelos portenhos até 1895, quando negociações diplomáticas intermediadas pelo então presidente dos Estados Unidos, Glover Cleveland, deram ganho de causa ao Brasil. Argentina aceitou, mas ficou no ar um zumbido sobre suas reais intenções.

No entanto, desde sua formação, em 1850, o Paraná a considerava parte de seu território, e a questão se arrastou até 1910, quando o Supremo Tribunal Federal sentenciou em favor de Santa Catarina. Isso,

porém, pouca diferença fazia às populações da região e à empresa construtora, embora a “região do contestado” tenha sobrevivido como referência geográfica por muito tempo ainda.

O fato é que as obras da ferrovia tiveram início de imediato, mas logo os prepostos do magnata ianque perceberam que era preciso desapropriar as terras. Começaram, porém, um processo de medo e coação, que significava expulsão. Os jagunços da Lumber andavam ostensivamente com os revólveres pendurados na cintura, como se vê nos filmes de faroeste, e não pensavam duas vezes pra atirar em quem ousasse desafiá-los.

A empresa tinha pressa, pois o acordo com o governo fixava também o pagamento por quilômetro construído. A ordem era evitar obras de arte (recortes no terreno, aterros, túneis etc.) e assentar os dormentes sobre o chão batido, com trilhos de pouca resistência, tudo de péssima qualidade, enfim. Com o tempo, a obra teve que ser praticamente refeita.

De todo modo, na construção foram contratados mais de 4.000 trabalhadores, na maioria levados de outras partes do país, especialmente do Paraná, aproveitando parte daqueles que já haviam trabalhado no trecho anterior. Era, pois, gente nova que chegava à região. Com o tempo, muitos desses imigrados saíram da empresa e aderiram ao movimento revoltoso, embora houvesse nítida distinção entre uns e outros nas relações com a empresa.

EM FAMÍLIA

Nessa etapa, entra um viés pessoal. Meu avô paterno, Pietr Sautchuk, veio da Ucrânia pro Brasil ainda criança e se fixou com a família em Marechal Mallet, no Paraná, onde foi rebatizado com o nome



de Pedro. Ali estudou e cresceu. Casou-se com Martha Potowsky, nascida na parte ucraniana vizinha da Polônia, e também vinda nas hordas de imigrantes trazidos do Leste Europeu ainda no Império.

Pedro era um desses trabalhadores recrutados no Paraná. Aliás, meu pai nasceu em 1913, dentro do vagão em que eles moravam, na altura de onde é hoje a cidade de Caçador. Pedro foi, também, um dos que debandaram da ferrovia em apoio aos revoltosos, já na fase final da guerra. E depois se fixou em lote da reforma agrária no município de Cruzeiro (hoje Joaçaba).

Ali, construiu uma casa com tábuas feitas na serra de mão, criou 14 filhos, tocando agricultura de subsistência, e fez também uma escola, em área pública, em que alfabetizava seus filhos e os de outros colonos. Lecionava em várias línguas que dominava (ucraniano, polonês, alemão, italiano e português), de acordo com o gosto dos alunos. Depois, só em português, com a proibição das línguas estrangeiras já na década de 1940, próximo da 2ª Guerra Mundial.

Minha mãe, Ana Lorenzini, era filha de imigrantes italianos que se fixaram no Rio Grande do Sul, mas

se mudou com um irmão mais velho que também foi assentado em um lote da colonização naquele município catarinense. Assim, ela conheceu meu pai, os dois namoraram nos bailes da paróquia e pronto. Não fosse isso, eu não estaria aqui escrevendo este texto.

Mas a memória da guerra sempre ficou presente na identidade das pessoas. Uma irmã e um irmão mais velhos ganharam “Antoninha” e “Antoninho” como segundo nome, numa referência a dois revoltosos. E minha filha mais nova, Maria Rosa, homenageia a musa-mor do conflito, sucessora do monge José Maria na liderança espiritual, como veremos mais adiante.

MESSIANISMO

A Guerra do Contestado é citada em textos históricos e mesmo em documentos oficiais como “Guerra dos Pelados” e como “Guerra dos Fanáticos”. No primeiro caso, porque os revoltosos, quando presos, tinham as cabeças raspadas pela polícia, o que veio a convir, pra evitar piolhos, sarnas e outros bichos. No segundo, porque eles se organizavam em grupos e seguiam uma seita, com rituais e ideias messiânicas.

É certo que não havia um Eu-

clides da Cunha acompanhando os conflitos e escrevendo algo monumental como “Os Sertões”, que descreve a Guerra de Canudos, na Bahia, menos de duas décadas antes do Contestado. Mas, de qualquer modo, esse evento da História do Brasil foi bem documentado em escritos de militares e de religiosos que viram tudo de perto e por pesquisadores que tiveram como fontes sobreviventes da guerra e reconstituíram os fatos com aguçada precisão.

Todos destacam o lado espiritualista da contenda. Contudo, muitos se aprofundam nos aspectos socioeconômicos e políticos, que são, no fim das contas, os mais importantes em resultados.

É bem verdade que, desde o período imperial (até 1889), “monges” perambularam pela região pregando coisas como o fim do mundo e curando doenças com rezas e benzeduras. Faziam as vezes de sacerdotes católicos, muitas vezes oficiando até batizados e casamentos.

O mais antigo deles foi João Maria, um italiano que, segundo o historiador catarinense Oswaldo Cabral, citado por vários autores, morreu ainda em 1870, em

Sorocaba (SP). Mas, como prometia em suas pregações, esse monge “ressuscitou” na figura de pelo menos um outro andarilho que perambulou pela região do Contestado na primeira década do século passado.

Logo em seguida surgiu, no entanto, aquele que teve papel decisivo na guerra, que foi José Maria, que se dizia “irmão” do outro e também usava cabelos e barbas brancos e longos, se apoiava em um bastão nas caminhadas e curava doenças. Mas este tinha carteira de identidade. Era o ex-militar Miguel Lucena Boaventura, que teria sido cabo da Guarda Nacional no Paraná, até desertar.

Desde muito antes, a Igreja Católica havia deslocado à região um grupo de padres alemães, encarregados de se contrapor ao catolicismo rústico predominante entre os fiéis. Um deles era o Frei Rogério Neuhaus, uma personalidade por ali, que foi conversar com José Maria em seu reduto e, depois, relatou:

“Não quis dizer-me donde tinha vindo, limitando-se a declarar que era um peregrino. Ao convidá-lo para se confessar, ele me respondeu: ‘Não quero dar motivo para falarem de mim’. Não confessou, nem assistiu, no dia seguinte, à santa missa, mantendo-se deitado. Contam que chamou a confissão de bobagem.” (Transcrito por Marli Auras, em *Guerra do Contestado: a organização da irmandade* – Editora UFSC, 1984).

O monge sabia ler e escrever, dotes que usava com destreza em sua atividade. Nas bolsas, carregava cadernos em que anotava nomes e propriedades medicinais das plantas da região e fornecia receitas por escrito aos pacientes que atendia, de graça, em suas andanças. E, depois, demonstrou grande conhecimento no manejo de armas de fogo. Sua fama já

corria solta, mas, no início de 1912, no município de Campos Novos, houve um episódio que o notabilizou de vez.

As ervas por ele receitas curaram a mulher do poderoso fazendeiro Francisco de Almeida, que havia sido desenganada por médicos. De quebra, ele recusou terras e ouro oferecidos pelo coronel agrado, o que lhe rendeu a reputação de homem santo, milagreiro e desapegado pelas riquezas mundanas.

Ele aceitou, contudo, um espaço no rancho do capataz da fazenda e ali montou a “Farmácia do Povo”, onde passou a atender os pacientes e promover cultos com rezas e cantorias, distribuindo panfletos manuscritos com pregações. Essas incluíam a volta da Monarquia, tese muito ao gosto da população local, que via na República o poder absoluto dos coronéis e, agora ainda mais, do magnata ianque.

Era uma permanente romaria de gente, a ponto de muitos passarem a morar nas redondezas da farmácia. E ali corriam as notícias sobre as ações da Lumber pela desapropriação da vasta extensão de terras a ela entregue pelo governo republicano. Crescia, ao mesmo tempo, um sentimento coletivo de solidariedade, irmandade.

Nas rodas de orações, o monge costumava contar histórias sobre o lendário imperador francês Carlos Magno, do século XI, que simboliza a luta da cristandade contra os mouros. Os 12 Pares de França, cavaleiros de elite que protegiam o monarca, serviram de inspiração na formação de uma guarda que ajudasse na organização e segurança daquela pequena multidão que rondava José Maria.

Esta não era uma tarefa muito difícil, pois essa história de Carlos Magno já servia de base às cavalcadas e outras festas populares

então já muito difundidas nos sertões brasileiros, inclusive ali, naquelas quebradas do Contestado.

TAQUARUÇU

Veio a calhar, naquele momento, um convite feito ao monge pra que fosse participar da festa do Senhor do Bom Jesus, que seria realizada em Taquaruçu, distrito do município de Curitiba, no dia 6 de agosto daquele ano (1912). Essa festa, realizada em muitos locais, reverenciava a imagem de Cristo com chagas, segurando uma cana verde nas mãos, e ocorria no fim do roçado, antes do plantio de novas lavouras.

Em verdade, porém, os organizadores do evento eram um fazendeiro, que se intitulava “pai da pobreza”, um comerciante e um roceiro que já vinham realizando reuniões de mobilização contra a ferrovia São Paulo-Rio Grande no pequeno lugarejo. Isso não foi dito, mas o convite foi aceito prontamente.

De fato, na manhazinha do dia previsto chegavam a Taquaruçu José Maria, montado em um cavalo branco que havia ganhado, e uma comitiva de umas 300 pessoas, entre homens, mulheres e crianças. Mas, ao final do evento, o monge e seus seguidores não foram embora – ao contrário, o séquito havia aumentado numericamente. E todos acamparam ali mesmo.

Na prática, Taquaruçu acabava de virar o primeiro dos vários “redutos” criados pelos revoltosos após o início do conflito armado. Por enquanto, porém, era um ajuntamento pacífico, voltado às atividades religiosas e de curandeiro do líder e à seleção de 24 homens que passaram a formar dois grupos de “pares de França” do local, constantemente treinados no manejo das espadas e manobras com suas montarias.

Essa situação se prolongou por muitas semanas, até que, numa cantoria noturna, um dos violeiros e repentistas, ao final da trova, gritou “viva a monarquia!”. Nisso, foi acompanhado pelo público, que repetiu a frase diversas vezes, segundo o historiador J.O. Pinto Soares, no livro *Guerra em Sertões Brasileiros* (Papellaria Velho, Rio, 1931). O fato ganhou dimensões nacionais.

O fazendeiro e “coronel” Francisco de Albuquerque, intendente (prefeito) de Curitiba por várias gestões, havia enviado uma intimação pra que José Maria fosse falar com ele, alegando doença, mas o monge não foi. Enfurecido, o chefe político telegrafou ao governador do Estado comunicando a “proclamação da monarquia” no local e pedindo socorro policial.

O governador repassou a informação ao presidente da República, marechal Hermes da Fonseca, que prometeu tropas federais, mas pediu que forças estaduais fossem de imediato a Taquaruçu. Aos rebeldes, ficava claro que o cel. Albuquerque resolvera abrir guerra ao movimento.

De todo jeito, sabendo do deslocamento da polícia militar, o monge José Maria decidiu mudar o acampamento pra localidade de Irani, na parte Sul do extenso município paranaense de Palmas, onde a população era conhecida e tratada por ele como “gente nossa”. E assim, quando a polícia chegou não havia mais ninguém em Taquaruçu.

INÍCIO DA GUERRA

Temeroso de que aquelas fossem manobras em favor de Santa Catarina no domínio da área, o governo do Paraná também enviou tropas do Regimento de Segurança, chefiadas pelo coronel João Gualberto

Gomes de Sá Filho, que se notabilizou como “mártir do Contestado” em jornais de então.

Gualberto trazia um bom contingente de soldados e carroções com canhões e uma grande metralhadora giratória que “corta um pinheiro numa rajada”, segundo relatos da época. Ele desfilou com a tropa pelas ruas de Curitiba antes de sair rumo a Palmas e, ignorando opiniões de chefes de polícias da região, resolveu seguir direto a Irani e atacar os rebeldes em seu reduto.

Ali, o clima era de alerta. Consta que, em posse dos seguidores do monge, havia pela menos 40 espingardas Winchester, um rifle à época muito comum, além de revólveres e facões de todos os calibres e tamanhos. A vários interlocutores que lhe indagavam sobre o que iria ocorrer a partir daquele momento, o monge respondia com frases como “somos de paz, mas se nos atacarem, vamos reagir”.

Vale lembrar que no contingente que acompanhava o monge havia grupos de diferentes localidades, e estes já tinham seus “chefes” locais. Entre eles, eram regulares as conversas sobre temas diversos, inclusive a questão de terras com a Lumber. Ou seja, eram embriões dos diversos redutos criados depois.

Jornais do Sul e mesmo do Rio de Janeiro, então capital, abriam manchetes falando da iminência do surgimento de “uma nova Canudos”, numa referência ao movimento liderado pelo monge Antônio Conselheiro que gerou sangrenta guerra (1896/1897) no interior da Bahia. O episódio, que mobilizou o Exército Brasileiro, era recente e estava vivo na memória nacional.

No dia 21 de outubro, já acampado no Irani, João Gualberto designou um chefe político local pra

levar uma mensagem ao reduto de José Maria. Era um bilhete de quatro laudas escritas a lápis, em que o intimava a comparecer imediatamente ao seu acampamento, avisava que, se não fosse atendido, iria “atacar em armas” e de que “considerarei seus seguidores criminosos”.

O emissário era o “coronel” Domingos Soares e um capanga. Eles encontraram o monge ainda dormindo numa casa de morador, mas foram atendidos no próprio quarto, sentados na cama, já rodeados de seguidores. Por cerca de uma hora, José Maria ouviu argumentos, mas respondia dizendo que aquilo era uma ordem de prisão e que ele e seu séquito não se entregariam. De todo jeito, pediu 24 horas pra que se dispersassem.

De volta, Domingos tentou convencer Gualberto a aguardar, mas este resolveu atacar naquela mesma noite e pôs a tropa a caminho. Dos 400 homens que saíram de Curitiba, apenas 64 o acompanhavam na missão – os demais haviam ficado próximo ao rio Iguaçu.

No entanto, na madrugada, ao atravessar um córrego arenoso, um mateiro contratado no local assustou a mula com uma vela acesa, e o animal, ao rodopiar, virou a carroça e derrubou a metralhadora na água, areia e lama, inutilizando a arma. Vinhas de Queiroz conta que participantes da empreitada asseguraram a ele que o mateiro Roque teria agido de propósito. De todo jeito, Gualberto resolveu seguir adiante.

Ao raiar do dia, o ataque. No reduto restavam uns 200 homens, mas um pequeno grupo no centro do acampamento parecia querer escapar por um grotão onde desapareciam com facilidade. Mulheres com crianças saíram primeiro. Os militares cercaram o local dispa-

rando contra o ajuntamento e começou a troca de tiros.

De repente, porém, os rebeldes surgem da mata por detrás da tropa, já atirando e se atracando fisicamente. No tumulto, o monge José Maria foi baleado e caiu morto. Seus seguidores, enfurecidos, cercaram o comandante João Gualberto e o mataram a pauladas e facadas. O resto da soldadesca fugiu do local, correndo.

No final das contas, apesar da importância das baixas de ambos os lados, o número de mortos foi pequeno: seis revoltosos e 10 militares (dois sargentos, três cabos e cinco soldados). Dá pra imaginar, contudo, o tamanho da chacina que a metralhadora teria provocado, se estivesse funcionando.

Os corpos de José Maria e seus seguidores foram sepultados ali mesmo, em um pequeno cemitério ainda hoje preservado, próximo à cidade de Irani (SC). Houve dispersão temporária dos revoltosos, mas a guerra estava apenas começando.

NOVAS ETAPAS

Em pequenos grupos, os devotos foram deixando o território considerado paranaense, onde a perseguição policial parecia mais intensa, e voltaram às suas casas. Com a morte do líder, as autoridades dos governos estaduais e federal supunham que o movimento morreria também. Mas logo perceberam que estavam muito enganados.

Ficava claro, assim, que José Maria não era o líder absoluto, mas havia a lenda da ressurreição e uma causa maior no movimento. Suas ideias eram compartilhadas por grande número de seguidores, e estes mantiveram muito vivas suas relações, com reuniões e outras atividades localizadas se

proliferando por toda a região. Aos poucos, um núcleo central voltou a abrir o acampamento de Taquaruçu, no município de Curitiba.

Esse reduto foi atacado mais de uma vez, sem sucesso, até um ataque definitivo em fevereiro de 1914. Este contava com tropas federais e bombardeou com canhões e metralhadoras giratórias, de alta potência. Cerca de 200 casas e uma igreja lotada de gente foram bombardeadas e queimadas. A mor-tandade foi grande.

Os sobreviventes se mudaram, então, a Caraguatá, em Perdizes Grandes (hoje Lebon Régis), onde já se formara um reduto em área montanhosa, mais protegida pela geografia. Ali as forças oficiais sofreram vários reveses, até que o governo o federal resolveu enviar à região a elite de oficiais que havia comandado a aniquilação de Canudos.

Assim, o avanço de tropas federais, a partir de agosto de 1914, teve no comando-geral o general Fernando Setembrino de Carvalho, com tropas de todo o país.

A Lumber, no entanto, intensificara a retirada de madeira e expulsão de posseiros. Abriu ramais

ferroviários provisórios pelos quais circulavam vagões, locomotivas e guindastes a vapor. As pesadas toras eram derrubadas no machado e serrote pelos trabalhadores e arrastadas por centenas de metros por cabos de aço até os trilhos, provocando enorme devastação na flora local, inclusive destruindo os pés de erva-mate que estivessem pelo caminho.

Vale lembrar que os governos dos estados, como forma de serenar ânimos, em anuência com o poder federal, lotearam alguns pedaços de terras aqui e acolá e os ratearam entre posseiros. E a empresa, por sua vez, aproveitava a valorização crescente das áreas onde explorava madeira (e não era dela) e as dividia em lotes rurais pequenos (até 40 hectares), que tentava vender, como forma de se desfazer delas rapidamente, mas aumentando seus ganhos.

Em Caraguatá, com a morte de lideranças em Taquaruçu, o comando foi exercido por algum tempo por um juiz de paz da região que havia aderido à luta junto com sua mulher, desde antes fiel ao monge. Mas logo surgiu a adolescente Maria Rosa, de 15 anos, que era sem-



pre acompanhada por uma amiga chamada Antoninha e que dizia ser vidente e ouvir mensagens de orientação às noites, que repassava aos comandados.

Rosa era filha do lavrador Elias de Souza, o Eliasinho, pouco sabia ler e escrever, mas era extremamente inteligente, vivaz, sorridente e bem-disposta a tudo, segundo relatos de muitos que a conheceram bem. Ela não comunicava os comandos diretamente aos seguidores em geral. Narrava a um grupo de líderes, uma espécie de conselho militar, e este é que os repassavam às lideranças que despontassem nas diversas etapas de lutas.

Na prática, Maria Rosa foi por longo tempo a comandante dos guerrilheiros, participando das refregas em um cavalo branco, com arreios cobertos de peles e enfeitados com medalhas. Já em meados de 1915, porém, ela foi aos poucos deixando a tarefa nas mãos de Chiquinho Alonso e Adeodato Manoel Ramos, lideranças forjadas na própria guerra que ampliaram bastante a presença dos rebeldes em toda a região. Ela morreu em combate.

E assim foram surgindo redutos cada vez maiores, em vários pontos de toda a região, até o de Santa Maria, na parte Norte do Estado, que chegou a ter 50 mil pessoas adultas. Só nos bombardeios finais deste grande reduto, com mais de 7 mil homens sob o comando do

general Setembrino, os próprios relatos do Exército revelam ter incendiado mais de 5 mil casas. Uma carnificina gigantesca.

Era a essa localidade que se dirigia um avião de marca *Morane-Saulnier*, de fabricação francesa, dotado de metralhadora e pilotado pelo tenente (do Exército) Ricardo João Kirk. No entanto, ele caiu misteriosamente, e o piloto morreu entre os municípios de Porto União e Palmas, ainda no dia 2 de março de 1915. Assim, sua participação na guerra ficou apenas na história da aviação.

São incontáveis os combates ocorridos nos anos de 1914 e 1915, pois muitos foram a vilas e cidades já estabelecidas que sofreram ataques fulminantes a cartórios, estações ferroviárias, cadeias, centrais de telégrafos etc. Em Curitiba, porém, 212 rebeldes entraram quando a população, chefes políticos, autoridades do governo, da justiça e até a polícia já tinham fugido. Saquearam e puseram fogo em tudo, menos nas muitas casas em que havia retratos do monge José Maria ou frases nas paredes.

Eram corriqueiros, também, os ataques a fazendas de coronéis, de onde os sertanejos confiscavam gado e mantimentos de armazéns destinados a seus redutos. Eram armadas, de igual modo, emboscadas nos locais mais inesperados e provocavam baixas sensíveis nas forças militares, inclusive no moral.

FIM DO CONFLITO

Depois de Santa Maria, muitos rebeldes ainda se refugiavam em redutos menores espalhados por toda a região, bem posicionados, o que tornava difícil seu combate. Mas também foram sendo arrasados, agora sem que fossem poupadas as mulheres e crianças, o que ocorria também com grupos que tentavam fugir, errantes. Poucos eram os presos, mas estes eram enfileirados e fuzilados sumariamente. Era janeiro de 1916.

Isto não ocorreu com Adeodato, o último líder do movimento. Ele foi preso e levado a Florianópolis, a capital. E chegou a ser julgado e condenado, mas viveu sete anos no presídio, até tentar fugir e ser morto a tiros ali mesmo.

Não morria com ele, porém, o ideário da revolta do Contestado. No fim das contas, o movimento forçou profunda mudança na estrutura social e econômica daquela parte do Brasil. A proposta de uma sociedade solidária, sem classes, autossustentável, avessa ao consumismo, mostrou-se um sonho. Mas, detonou o poder absoluto dos coronéis. Outras relações surgiram em seu lugar – são as que lá estão até nossos dias.



Jaime Sautchuk
Jornalista. Escritor



Foto: www.opas.org.br/o-pinhao-e-seus-beneficios-a-saude/

PINHÃO NÃO SE COLHE VERDE

Fonte: <http://multiplica.org/araucaria/>

Uma prática ainda muito comum hoje em dia é a derrubada antecipada (março/abril) de pinhas imaturas para comercialização, sem permitir a dispersão natural das sementes.

A maturação da pinha e sua queda natural, que ocorre a partir do dia 15 de abril, são fundamentais para a dispersão das sementes que alimentam a fauna no inverno, possibilitando a dispersão das sementes pelos animais, sendo assim possível a germinação e proliferação desta espécie.

É recomendado ainda que o início da colheita do pinhão seja a partir de maio, já que as sementes iniciam a dispersão e vão caindo pouco a pouco, permitindo assim que muitas possam “se perder” na terra antes da queda da pinha.

O repovoamento das Araucárias está bastante comprometido pela extração inconsciente de pinhão e madeira. Resta pouco (1 a 2%) do que um dia foi a maior floresta do sul do Brasil.

A Araucária [*Araucaria angustifolia*] é a espécie arbórea dominante da Floresta das araucárias [ombrófila mista], ocorrendo majoritariamente na região Sul do Brasil. Sua origem remonta a mais de 200 milhões de anos, quando sua população se disseminava pelo Nordeste brasileiro.

Hoje existe um grande risco de extinção da espécie, sendo esta primordial para a conservação da floresta de araucárias.

CINCO ANIMAIS DO CERRADO EM RISCO DE EXTINÇÃO



Eduardo Pereira

O Cerrado, grande bioma brasileiro que conecta três países da América do Sul (Brasil, Bolívia e Paraguai) e funciona como elo entre quatro dos cinco biomas brasileiros: Amazônia, Caatinga, Mata Atlântica e Pantanal, já perdeu 100 milhões de hecta-

res de cobertura vegetal para o agronegócio.

Em consequência das plantações de algodão, cana, eucalipto, soja, e da pecuária extensiva, vem destruindo o habitat de uma imensa variedade de animais.

Das cerca de 837 espécies de

aves, 120 de répteis, 150 de anfíbios, 1.200 de peixes, 90 mil de insetos e 199 tipos de mamíferos, o que representa 5% das espécies do mundo e 30% da biodiversidade brasileira, cinco espécies emblemáticas encontram-se ameaçadas de extinção. São elas:

1. **Onça-pintada** (*Panthera onca*): maior felino das Américas, habita ambientes preservados, próximo a fontes permanentes de água e com grande quantidade de presas. Uma curiosidade: a onça-preta e a pintada são animais da mesma espécie. Nos animais de coloração negra, conhecidos também como melânicos, as pintas são mais difíceis de notar, mas estão presentes em tom ainda mais escuro que o restante da pelagem.



2. **Tatu-canastra** (*Priodontes maximus*): também conhecido como tatuauçu ou tatu gigante, é considerado o maior e mais raro dos tatus existentes no mundo. Pode chegar a 1,5m de comprimento e pesar até 60 kg. Tem hábitos noturnos e semifossoriais (passam parte do tempo abaixo do solo). O período de gestação é de aproximadamente cinco meses e nasce apenas um filhote.

3. **Anta** (*Tapirus terrestris*): maior mamífero terrestre da América do Sul. Mede um metro de altura e dois metros de comprimento e pesa cerca de 300 kg. Alimenta-se de folhas, frutos, vegetação aquática, brotos, gravetos, grama e caules que são digeridos graças à presença de micro-organismos em seu aparelho digestivo. É uma espécie tipicamente solitária e de hábitos noturnos, mas também pode realizar atividades durante o dia.



4. **Tamanduá-bandeira** (*Myrmecophaga tridactyla*): possui pelagem característica, com uma faixa diagonal preta com bordas brancas, que se estende do peito até a metade do dorso. É um mamífero que mede cerca de 2,20 metros de comprimento, pesa até 45kg. Usa suas garras dianteiras para escavar formigueiros e cupinzeiros ao longo do dia para capturar, com sua língua extensível, até 30 mil formigas e cupins. Não possui dentes.

5. **Lobo-guará** (*Chrysocyon brachyurus*): maior canídeo sul-americano. Pesa de 20 a 30 kg e tem pelagem avermelhada. Alimenta-se principalmente de pequenos roedores, aves terrestres e de frutas como, por exemplo, a fruta do lobo (*Solanum lycocarpum*). Animal solitário, forma casais durante o período reprodutivo. Estima-se que existam pouco menos de 25 mil lobos-guará no mundo, sendo que aproximadamente 20 mil deles no Brasil.



Fonte: WWF Brasil



Eduardo Pereira
Produtor Cultural
@weiss_guru

A FORÇA DEMOCRÁTICA DO LULA

Emir Sader

O fascismo deitou raízes na sociedade brasileira. Apoiado no rancor de setores das classes médias diante da ascensão social de amplos setores pobres da população, foi se desdobrando em ódio ao PT, ao Lula, à esquerda, traduzindo-se no fortalecimento, pela primeira vez no país, de uma candidatura de extrema-direita.

Ao mesmo tempo, conforme o governo instalado pelo golpe foi ficando isolado, sem apoio popular, as eleições foram se aproximando e os ataques jurídicos ao Lula diminuindo sua efetividade, o risco de apelo a soluções aventureiras por parte da direita e da extrema-direita aumenta.

O apelo puro e simples sobre o risco do fascismo no Brasil se apoia numa visão equivocada de que existiria no país um sentimento democrático muito forte e enraizado e que a compreensão do significado do fascismo seria difundida na população. Transferem mecanicamente para cá os esquemas europeus,

erro cometido já tantas vezes pela velha esquerda latino-americana. Acreditam que a solução é uma frente antifascista, no estilo daquelas da Europa dos anos 1930.

A união dos partidos de esquerda – que, de alguma forma, já existe – não agrega muito mais, até porque a influência de massas desses partidos não é grande. É uma união necessária, mas não suficiente. A força maior que temos na luta contra a ultradireita, seus arrematamentos fascistas, o risco de apelo a soluções de um endurecimento maior ainda do regime, colocando em risco as próprias eleições, está na liderança do Lula.

A direita não se equivoca, sabe quem representa o perigo real para ela, tanto de que ele volte a ser candidato e ganhe, quanto que retome o modelo – readequado às condições atuais – que teve sucesso inquestionável e dê início a um novo e longo ciclo de governos de esquerda. Por isso concentram os ataques em Lula: do Judiciário, da Polícia Fede-

ral, do Ministério Público, da mídia, dos grupos fascistas.

A força de Lula é a força de massas da esquerda, pelo que ele representa para o povo, pelo que tem reavivado nas Caravanas, pelo projeto que deu certo no país e que ele promete retomar, melhorado e aprofundado. A luta contra o fascismo depende da força de massas da esquerda que somente a liderança do Lula possui. Depende de mobilizar o povo em função dos seus interesses, profundamente afetados pelas políticas do governo e apresentar um projeto de reunificação do país e de convivência pacífica entre todos.

A liderança do Lula é a única que consegue unir todas as forças democráti-

cas para resistir às ofensivas da direita, derrotá-la em todos os seus componentes, vencer as eleições e comandar a reconstrução do Brasil. Neste momento a unidade da esquerda, de todo o campo popular e todas as forças democráticas é essencial.

As distintas experiências históricas deveriam servir para que a esquerda tire as consequências de quanto suas divisões favoreceram a ascensão da ultradireita em distintas circunstâncias históricas. E Lula é sua liderança e dirigente fundamental, com capacidade de unir todas as forças democráticas.



Emir Sader

Sociólogo
Autor do livro "O Brasil que
queremos."



Foto: REUTERS/Francisco Proer



REVERÊNCIAS A **WINNIE MANDELA**, A QUE ABRIU PICADAS E APONTOU CAMINHOS PARA A LUTA DO MOVIMENTO NEGRO

Iêda Leal

Não fosse a luta contra o Apartheid da militante sul-africana Nomzamo Winifred Madikizela Zanyiwe, Winnie Madikizela-Mandela, ou simplesmente Winnie, pela liberdade de seu companheiro Nelson, talvez o mundo não tivesse conhecido o símbolo Mandela, fonte de inspiração na luta por liberdades em todos os cantos do planeta. Winnie, a que abriu picadas e apontou caminhos em nossa histórica jornada em defesa da igualdade racial, desde seu campo de batalha na África do Sul, a ex-esposa de Nelson Mandela, com quem foi casada 38 anos, incluindo os 27 que ele viveu

na cadeia, partiu dos conturbados espaços deste nosso mundo em crise no dia 2 abril deste ano de 2018, aos 81 aos.

Nascida em 26 de setembro de 1936, na mesma terra onde nasceu Nelson Mandela, a província do Cabo Oriental Sul, Winnie conseguiu um feito raro para as mulheres negras de sua época: estudou, conseguiu entrar para uma universidade e, mais raro ainda, graduar-se no ensino superior, em Serviço Social.

O casamento aos 21 anos com o advogado de 40 anos, Nelson Mandela, militante político, divorciado e

pai, que logo depois caiu na clandestinidade, a colocou de vez no olho do furacão da militância política: "Nunca tivemos uma vida familiar (...) não podíamos tirar Nelson de seu povo. A luta contra o Apartheid, pela Nação, vinha primeiro", escreveu ela em suas memórias.

Mas foi depois da prisão de Mandela em agosto de 1962 que Winnie assumiu a liderança da resistência. Deixada sozinha com suas filhas pequenas, mesmo tendo se tornado alvo do regime racista – a prenderam, a baniram em um vilarejo distante, Brandford, lugar que batizou como "sua pequena Sibéria",

atacaram sua casa com bombas – e mesmo assim foi Winnie quem mobilizou o mundo em defesa da liberdade de Nelson Mandela e do fim do Apartheid na África do Sul.

A imagem de "comunista perigosa", construída pela polícia do Apartheid, surgiu em Brandford, onde os moradores locais ficaram proibidos de falar com ela e também com sua pequena filha Zindzi, sob pena de prisão. Winnie não se abalava: "Ao me mandar para o desterro, imaginavam que, junto comigo, também podiam banir minhas ideias políticas. Não poderiam me prestar maior homenagem", registrou Winnie em suas memórias.

Contra todas as probabilidades, a Nomzamo tornou-se uma das principais figuras do Congresso Nacional Africano (CNA), vanguarda da luta antiapartheid. Foi de lá que, em 1976, Winnie convocou os estudantes de Soweto a usar a radical paixão dos "townships" para "lutar até o fim".

Com o tempo, sua posição radical e seus métodos não convencionais de ataque e defesa, chegou a formar sua própria guarda jovem, o "Mandela United Football Club" (MUFC); em 1991 foi condenada a seis anos de prisão como cúmplice no sequestro de um jovem ativista, Stompie Seipei, pena mais tarde comutada para uma multa simples.

Winnie parece não ter se adaptado ao regime democrático que ela mesma ajudou a criar. Nomeada vice-ministra da Cultura após as primeiras eleições multirraciais de 1994, Winnie foi demitida por insu-

bordinação pelo governo de Nelson Mandela, em 1995.

Em 1998, outra condenação, dessa vez a Comissão da Verdade e Reconciliação (TRC) encarregada dos crimes políticos do Apartheid declarou Winnie "culpada política e moralmente pelas enormes violações dos direitos humanos" cometidas pelo MUFC.

A resposta de Winnie? "Grotesco", disse sempre a "Mãe da Nação" até os dias finais de sua vida, ante as muitas acusações de tortura.

Banida pela liderança do CNA, sentenciada novamente em 2003 por fraude, Winnie ainda retornou à política quatro anos depois, como membro do Comitê Executivo do partido, o corpo administrativo do CNA. Mas os tempos, definitivamente, já eram outros. Deputada eleita pela primeira vez em 1994, e reeleita em todas as eleições seguintes, sua presença incendiária foi desaparecendo aos poucos do Parlamento e do campo da luta política.

No começo de 2018, o Supremo Tribunal de Apelações da África do Sul arquivou um processo movido por Winnie, que pretendia assumir a casa familiar de Nelson Mandela em Qunu, no Leste do País, de quem estava divorciada desde 1996. Ela afirmava que, de acordo com a jurisprudência local, a residência pertencia a ela, já que a comprou em seu nome em 1989, quando Nelson Mandela estava preso e o casal ainda estava junto.

O certo é que, turbulências à

parte, sem Winnie Mandela não haveria as conquistas de direitos que causaram a queda do regime racista na África do Sul e, também do lado de cá do Atlântico, mudaram para sempre nosso próprio destino e nossas próprias vidas. Mesmo algo dando terrivelmente errado, "Ela foi uma formidável defensora da luta, um ícone da libertação", afirma Desmond Tutu, o sul-africano vencedor do Prêmio Nobel da Paz.

Amada pelo povo sul-africano e respeitada pelos povos do mundo inteiro, Nonzamo, a que na língua dos Xhosa, seu povo, "nasceu para enfrentar muitas provas", de fato enfrentou muitas provas. Apenas antes do Levante de Soweto, Winnie já acumulava 99 acusações formais de crimes por "corromper a juventude do país" porque os liderava e os incentivava a manterem seus espíritos livres e combativos contra um regime que os aniquilava.

Agora, depois de passar por essa vida essa vida lutando por todas as causas, da luta cotidiana para que os negros e negras de seu país pudessem ter o direito de entrar em uma loja aos inúmeros conflitos judiciais, à organização das massas, à brilhante ofensiva na diplomacia internacional pelo fim do Apartheid e, depois, pela efetiva inclusão social e política do povo negro nos espaços de decisão e de poder da África do Sul, Winnie Madikizela-Mandela repousa para sempre nas terras de Orum. Bom descanso, camarada!



Iêda Leal
Professora da Rede Pública de Ensino, Secretária de Combate ao Racismo da CNTE, Coordenadora do C. R. Lélia Gonzales, Tesoureira do Sinteço e Vice-presidente da CUT – GO





Estudantes conferem a maquete do Espaço Educador Chico Mendes

Fotos: Joelma Bonfim

Sinpro-DF marca presença no FAMA com a tenda Espaço Educador Chico Mendes

Espaço expôs trabalho que o Sindicato desempenha na área de educação ambiental

O Sindicato dos Professores no Distrito Federal (Sinpro-DF) marcou presença no Fórum Alternativo Mundial da Água (FAMA 2018). O Sindicato montou, ao lado do palco principal do evento, a tenda Espaço Educador Chico Mendes, onde recepcionou estudantes, professores(as) e participantes em geral, apresentando o trabalho que exerce na área de educação ambiental, nas oficinas que organiza, como o Espaço Chico Mendes, na Chácara do Professor.

Além do trabalho realizado pela tenda, o Sinpro-DF preparou, nos intervalos das plenárias gerais, oficinas de educação ambiental (horta orgânica, minhocário) para os professores e estudantes, além da apresentação do Espaço Chico Mendes.

Para a coordenadora pedagógica Alda

Ilza Lima, a visita à tenda do Sinpro foi muito importante, uma vez que os estudantes passaram a conhecer os problemas da má gestão e da distribuição dos recursos hídricos.

“Abordamos um pouco sobre as intervenções que levaram à crise hídrica, como a devastação do cerrado e abordamos a quantidade de água que o agronegócio usa no beneficiamento dos alimentos, questões que não são debatidas pela grande mídia e pelo Fórum Mundial da Água”, analisou Alda, complementando que a partir destes conhecimentos “os estudantes fazem o contraponto e saem mais conscientes da responsabilidade individual que dada um tem pela água”.

Ana Cristina, professora do Centro de



Tenda Espaço Educador Chico Mendes recepcionou estudantes e professores

Ensino Médio 1, do Núcleo Bandeirante, disse que, enquanto os meios de comunicação só veicularam o Fórum Mundial da Água, fazer o contraponto e debater a água de uma forma não privatista foi fundamental para a análise crítica dos estudantes. “Participar do FAMA foi fazer uma análise mais crítica, ter consciência que a água é uma riqueza de todos nós e não um produto para comércio. A água precisa ser preservada e todos nós precisamos lutar por isto, lutar contra a privatização, e os estudantes tiveram esta oportunidade”.

Para a professora Francis, da Escola Classe 5, de Sobradinho, a participação no FAMA “foi uma oportunidade que os estudantes tiveram de conhecer um pouco mais sobre a realidade da água e também representou um grande aprendizado que levaremos para dentro da escola, que iremos compartilhar com as outras crianças”.

Os estudantes participaram inicialmente de um acolhimento, no qual compartilharam democraticamente ideias e informações sobre a política pública de água e a tentativa das grandes corporações em transformar este recurso em mercadoria, privatizando as reservas e fontes naturais.

Uma das estudantes que participaram do FAMA, Gabriela Chaves afirmou que a experiência valeu a pena. “Foi muito interessante a ideia de várias culturas reunidas sob um só propósito. Isto mostra o quanto a água é importante, mas não como mercadoria e sim como nosso direito”, garantiu.

O coordenador da secretaria de Políticas Sociais do Sinpro-DF, Gabriel Magno, destacou a construção coletiva de diversos movimentos sociais, com mais de 40 entidades de 34 países, para a realização



O Sinpro também distribuiu vários materiais informativos durante o FAMA 2018

do FAMA. Para o dirigente, esse foi o maior fórum alternativo à agenda política do fórum das corporações, com a circulação de mais de sete mil pessoas durante o evento.

“O FAMA continua com o processo de mobilização, organizando melhor a luta em defesa da água no Brasil e no planeta. O saldo político é muito positivo, pois acaba o evento, mas não acaba a luta – que se intensifica em outro patamar organizativo. Para nós, educadores, fica a tarefa de dar continuidade a esse debate dentro das escolas. Para além do debate da conscientização do uso da água, mostrar qual é o real problema da crise hídrica mundial – que não é o da falta de chuva ou porque gastamos água em casa escovando dente, mas porque a gestão da água está nas mãos do setor privado, como o agronegócio e grandes indústrias, principalmente. Inclusive, boa parte do problema hídrico vivido no Distrito Federal se deve à falta de gestão por parte do GDF, que é negligente no trato e utilização das águas”, ressaltou Gabriel Magno.

O FAMA foi pensado para se contrapor ao Fórum Mundial da Água, qualificado como o ‘Fórum das Corporações’, no qual grandes multinacionais, que já dominam 75% do mercado mundial de água, organizam-se para pressionar os poderes locais de vários países a privatizar mananciais, empresas públicas de saneamento e abastecimento de água às populações. O evento aconteceu em Brasília, entre 17 e 22 de março.



A FÁBULA DO PÉ DE SABIÚ

A Peleja entre a Felicidade e a Ganância

Altair Sales Barbosa

Entre os geraiseiros, povos que habitam ou exercem atividades nos gerais, que é um tipo de cerrado semelhante ao descrito por Guimarães Rosa em “Grandes Serões Veredas”, existem dois mitos interessantes associados ao pé de Sabiú, planta frondosa pertencente à família leguminosa e muito comum nos gerais.

O primeiro diz que se alguma pessoa, por descuido, passar por debaixo de um pé de Sabiú fica totalmente desorientada, perde a noção das coisas, perde a consciência e fica vagando sem rumo e sem direção.

Entre as inúmeras histórias, contam que certa vez um vaqueiro experiente saiu à procura de uma rês desgarrada e, sem se dar conta, passou por debaixo de um pé de Sabiú, logo perdeu a noção dos seus objetivos e por dois dias seguidos vagou sem rumo até chegar a um rancho de um antigo amigo e conhecido.

Só que ao chegar ao local não reconheceu as pessoas que ali moravam, seus amigos de longa data. Os moradores do rancho, experientes, logo perceberam o que havia acontecido. Tomaram então o vaqueiro e fizeram-no deitar de bruços por cerca de trinta minutos.

Durante esse tempo dizem que o vaqueiro teve um sono profundo e quando acordou estava curado, recuperou a consciência, reconheceu e ouviu os amigos e, após se alimentar, seguiu seu rumo determinado.

O segundo mito reza que pequenas personagens do mato em forma de gente, talvez duendes, todas as sextas-feiras à noite se reúnem em baixo de um pé de Sabiú para festejarem alguma alegria e felicidades.

Conta-se ainda que no povoado de Riacho D’Água existia um pobre

corcunda que era muito maltratado e recebia várias zombarias da gente daquele povoado. Um dia, cansado de tanta humilhação e sem perspectiva, resolveu fugir e andou sem ermo pelos gerais; quando o cansaço bateu, descansou debaixo da sombra de um Sabiú, pois debaixo desta árvore o terreno é sempre limpo.

E ali garrou no sono, escanchado numa forquilha da árvore.

Era sexta-feira. À noite chegaram várias criaturinhas que, brincando-de-roda, começaram a cantarolar uma música cuja letra repetia o refrão:

Segunda,
Terça,
Quarta,
Quinta,
Sexta.

O corcunda, animado com a música, pediu aos duendes para participar da brincadeira, sempre repetindo o refrão:

Segunda,
Terça,
Quarta,
Quinta,
Sexta.

E assim teve na vida um raro momento de alegria e felicidade. Diz o mito que, quando a festa terminou, as criaturinhas indagaram ao corcunda por que ele estava ali naquele momento. O corcunda então pôs-se a contar a sua história. As pequenas criaturas, que tinham poderes mágicos, retiraram a corcunda do indivíduo e a dependuraram num galho de Sabiú, deram a ele roupas novas, muito dinheiro e lhe disseram que poderia voltar para o povoado de Riacho D’Água, que sua vida iria mudar.

O ex-corcunda caminhou então de volta e após alguns dias chegou ao povoado. Logo na entrada encontrou uma pessoa que o reconheceu. E, assustado, lhe perguntou o que havia acontecido. Este narrou detalhadamente. A pessoa, na ganância do dinheiro e do poder, saiu correndo procurando o local e, quando o encontrou, subiu num dos galhos da árvore e esperou a noite de sexta-feira chegar. Quando esta chega, eis que para sua surpresa apareceram as criaturas que o ex-corcunda descreveu.

Estas então começaram a entoar sua cantiga, dançando em roda, sempre repetindo o refrão:

Segunda,
Terça,
Quarta,
Quinta,
Sexta.

Num belo momento, quando a dança já estava bem animada, ao repetirem o refrão – Segunda, Terça, Quarta, Quinta e Sexta – as criaturas ouvem um som vindo do alto dizendo: Sábado e Domingo também. Atônitos, olham para cima da árvore e avistam a pessoa que modificara o refrão da música.

Indignados, fazem com que este desça da árvore, retiram do galho a corcunda que lá ficara e num ato de indignação e magia as criaturinhas implantam esta nas costas do forasteiro e o expulsam do local.

Moral da história: a tradição quando respeitada traz a felicidade, quando não respeitada gera a ganância.



Altair Sales Barbosa
Arqueólogo. Excertos do livro “O Piar da Juriti Pepena – Narrativa Ecológica da Ocupação Humana no Cerrado”. Sales, Altair [et al]. Editora PUC-Goiás, 2014.

PONTE EM FORMATO DE ANEL DA LAGUNA GARZÓN:

MARAVILHA ARQUITETÔNICA URUGUAIA INÉDITA NO MUNDO

Fermanda Berlim



O Uruguai inova e constrói ponte com formato de anel. Sua estrutura simboliza a aliança entre dois departamentos/estados: Rocha e Maldonado, que possuem um entorno mágico como a área protegida da Lagoa Garzón (Laguna Garzón). Sua diversidade biológica e a vista panorâmica tornam o local imperdível para o turista.

Silêncio, calma e brisa é o que sentem os visitantes ao chegar à "Laguna Garzón" e contemplar a panorâmica vista da reserva natural. Do horizonte se vê a silhueta dos esportistas que praticam o Kitesurfe, Windsurfe ou Stand Up Paddles sobre as águas da linda lagoa – à exceção dos esportistas náuticos a motor, devido a proibição por se tratar de uma área protegida (<http://www.kiteywind-surfclaura.com/>).

Desde a construção, em dezembro de 2015, da criativa e original obra arquitetônica (mede 5 metros largura e 323 metros de comprimento ou longitude) se experimenta no local a fusão entre arquitetura e beleza natural. Sua aparência de anel sustentado é um elemento típico do lugar. A funcionalidade e encanto da sua forma está na lenta circulação dos carros, sua altura é suficiente para permitir o cruzamento de embarcações, permitindo que os visitantes cruzem aproveitando a paisagem.

COMO CHEGAR À PONTE "LAGUNA GARZÓN"?

Da cidade de Rocha, capital do departamento, basta pegar a rota 9 sentido

sudoeste (em direção a Montevideu), são aproximadamente 20 km, logo dirigir por 12 km ao longo da estrada até a Rota 10. Aí, é só entrar à direita e voltar na ponte "Laguna Garzón". Além disso, pode-se chegar até lá pelos balneários "El Caracol", "Costa Bonita" e "El Bonete".

DIVERSIDADE

A região, de grande diversidade biológica, tem mais de 9,5 mil hectares de superfície terrestre e mais de 27 mil de superfície marinha. É possível observar ali a Gaivota "Cangrejera", a ave "Playerito Canela", os Cines de Pescoço Negro e o Flamenco Austral. Além disso, das aves "Chorlo Pampa" e o "Playero de Rabadilla Blanca", migradores e espécies que se reproduzem na América do Norte e que migram regularmente para o sul durante a época não reprodutiva. Além disso, na área habitam os sapos de Darwin, répteis, o cervo "Guazubirá", o morcego rabo de rato ou "Murcielago Cola de Ratón", a tartaruga "De Canaleta", e nas águas do oceano pode-se avistar baleias do Sul durante a estação de migração para reprodução. Enquanto isso, diferentes espécies de peixes vivem na lagoa: corvina, siri, linguado, "lisa", "lacha" (espécie de peixe marinho), camarão, ostras, entre outros.

MONTE PSAMÓFILO

É a joia da região, similar à savana africana por sua aridez: a pouca altura e a concentração de cactos e arbustos es-



Fotos: Andrés del Castillo

pinhosos compõem e conservam a paisagem. Para chegar lá, é necessário viajar três quilômetros de carro pela Rota 10.

GASTRONOMIA LOCAL

O Parador ou restaurante “La Balsa” está a 300 metros da ponte. Em homenagem ao meio de transporte anterior à construção a ponte, que existiu de 1994 a 2015, são oferecidos os famosos “balserritos”, um prato local exclusivo que serve “buddhakiss” recheado com diferentes espécies marinhas que habitam a lagoa. Eles são servidos num réchaud que imita a ponte circular e com um molho azul, representando a água. Ali também estão: o exclusivo “La Caracola” e o inusitado restaurante ecológico “Garzón Lounge”, na margem oriental da lagoa, indo em direção ao departamento (estado) de Rocha, enquanto passando a praia “El Caracol” está o restaurante “El Rancho”. Mais informações: Garzón Lounge: <https://www.youtube.com/watch?v=eoKZ7leQ8XE>

HOTEL FLUTUANTE

“Lodge”, é o primeiro hotel flutuante do Uruguai, localizado ao lado da Rota 10 no quilômetro 190,5, acima da Lagoa Garzón. Tem 12 quartos, todos com vista panorâmica para a lagoa e entorno. De acordo com seus visitantes, a experiência de “dormir flutuando” gera uma sensação de relaxamento total, ainda mais somados com a natureza. O estabelecimento abre no meio de outubro e final de abril de cada ano. Mais informações: <http://www.lagunagarzon.com.uy/>

Fernanda Bertin
fbertin@arabella.ag
Agência Arabella

ARTE
RELACIONAMENTO
CRIATIVIDADE TAMANHO
SUSTENTABILIDADE
PONTUALIDADE
CONTEÚDO QUALIDADE
ESTÉTICA
FORMATOS
COMPROMISSO
PONTUALIDADE
CRIAR CORES



nossagráfica



gráfica e editora

uma visão infinitamente nova



FRANGO COM ORA-PRO-NÓBIS

DELÍCIA GASTRONÔMICA DA SERRA DO CIPÓ

Zezé Weiss

Encontro o ora-pro-nóbis no mais profundo do meu imaginário. Nos quintais biodiversos das minhas avós mineiras, tinha sempre um pé de ora-pro-nóbis esgaranchado em alguma cerca antiga. Mas foi na Serra do Cipó, faz uns poucos anos, que comi pela primeira vez um frango caipira com ora-pro-nóbis.

O amigo Ailton Krenak foi quem deu a dica: “Você não pode sair daqui sem comer um frango com ora-pro-nóbis, que a gente faz com a folha dessa plantinha boa e nutritiva, ótima pra saúde”. O frango veio suculento, em panela de ferro, acompanhado

de arroz branco e angu de fubá. Uma delícia!

Voltei da Serra do Cipó com a receita do frango com ora-pro-nóbis (compartilhada aqui) e com uma curiosidade danada sobre essa plantinha rústica, comum nas quebradas das Gerais, muito conhecida nas zonas rurais como remédio sagrado, por seu elevado teor de vitamina C, que supera a laranja em 4 vezes, e por seu alto teor proteico (25% de sua composição), também conhecido como o “bife dos pobres.”

Pesquisando, descobri que os princípios ativos da ora-pro-nóbis são eficientes para o trata-

mento das doenças de origem inflamatória, gastrointestinais, circulatórias, segundo estudo da Universidade de Lavras. O site <http://www.mundoboaforma.com.br> traz uma lista dos benefícios da ora-pro-nóbis:

- Seu alto teor de fibras ajuda no processo digestivo e intestinal, promovendo saciedade, facilitando o fluxo alimentar pelo interior das paredes intestinais, além de ajudar a recompor toda a flora intestinal. Isso evita os estados de constipação, prisão de ventre, formação de pólipos, hemorroidas e até tumores;

- Pessoas com anemia deverão passar a utilizá-la com mais frequência, pois os índices de ferro são essenciais para o tratamento desse quadro; As grávidas deveriam consumir ora-pro-nóbis, pois ela é rica em ácido fólico, essencial para evitar problemas para o bebê;
- O chá, feito a partir de

suas folhas, tem excelente função depurativa, sendo indicado para processos inflamatórios, como cistite e úlceras; Esse poder depurativo associado ao chá também está ligado ao tratamento e prevenção de varizes;

- A alta concentração de vitamina C ajuda a fortalecer o sistema imunológico, evitando

uma série de doenças oportunistas; Ótima para a pele, devido à presença de vitamina A (retinol) em grande quantidade; O retinol também é fundamental para manter a integridade da visão em dia;

- Mantém ossos e dentes fortalecidos, pela boa quantidade de cálcio.

FRANGO COM ORA-PRO-NÓBIS

INGREDIENTES

1 frango caipira cortado em pedaços
1 cebola grande, 3 tomates maduros
2 dentes de alho, 1 ramo de orégano fresco, 3 folhas de louro
1/2 pimenta dedo-de-moça, picada sem sementes
40 folhas de ora-pro-nóbis (porque o tamanho do maço varia muito)
100g de banha de porco
2 colheres de sopa de salsinha e cebolinha picadas
1 limão, 1 colher de sopa de vinagre
Sal a gosto

PREPARO

Coloque os pedaços de frango para fritar na banha de porco, até que que fique bem dourado. Retire o frango dourado da panela e, na mesma banha, doure o alho, a cebola, a pimenta e os tomates por mais cinco minutos. Bote o frango de novo na panela, junto como o orégano e o louro, cubra com bastante água e deixe ferver até a carne cozinhar. Quando estiver cozido ao seu gosto, inclua as folhas de ora-pro-nóbis, o limão, a salsinha e a cebolinha, mexa com cuidado para que o ora-pro-nóbis não fique babento, deixe descansar por uns cinco minutos e leve pra mesa, acompanhado de arroz, feijão e angu.



Zezé Weiss
Jornalista
Socioambiental
 @zezeweiss



GARANTIA DA ELEIÇÃO PARA DIRETORES DE ESCOLAS E COMPROMISSO COM FORMAÇÃO DE CONSELHEIROS

Bia de Lima

Assim o SINTEGO contribui, na prática, para a construção da Escola Democrática

Desde que o ano de 2018 começou, o SINTEGO vem mantendo discussões com a Secretaria Estadual de Educação – SEDUCE, para garantir o processo democrático de eleições diretas para a escolha dos novos diretores e diretoras das escolas, mandato de três anos, 2018-2021.

Por fim, em reunião realizada com o SINTEGO no dia 19 de

março, a SEDUCE se comprometeu a realizar o devido processo democrático eleitoral com previsão de lançamento de edital no mês de abril e posse dos/as eleitos/as ainda no primeiro semestre de 2018.

A decisão foi por conta da cobrança do SINTEGO e por determinação do governador, após a SEDUCE apresentar uma proposta de alteração da

data para que as eleições acontecessem somente em novembro, após as eleições partidárias de outubro de 2018.

O SINTEGO, obviamente, não concordou e exigiu o cumprimento da lei, uma vez que toda a comunidade escolar aguarda essas eleições e vê este processo como forma de barrar o apadrinhamento de políticos dentro de Rede Estadual de Ensino.

Ao aceitar nossos argumentos, a secretária Estadual de Educação, Cultura e Esporte, Raquel Teixeira, comprometeu-se a encaminhar o projeto de lei para a Assembleia Legislativa de Goiás – ALEGO, ainda no mês de abril, para aprovação dos e das parlamentares. O SINTEGO contribuiu com sugestões para

resguardar o direito das candidaturas ao cargo de diretor/a em cada escola, e com a inclusão de mecanismos para fortalecer o processo transparente e democrático do pleito. E já encaminhou ofício indicando o nome das professoras Bia de Lima e Roseane dos Santos para compor a comissão eleitoral central.

Essa é mais uma grande conquista do SINTEGO. Felizmente conseguimos firmar este compromisso, junto a SEDUCE, para assegurar que tudo aconteça dentro dos parâmetros democráticos previstos dentro do processo, o SINTEGO vai acompanhar toda a organização da eleição”, diz Bia de Lima.

Representantes do SINTEGO nos Conselhos Escolares e Fóruns de Educação: Formação para participação qualificada

Enquanto aguardamos as eleições para as direções de nossas escolas públicas estaduais, vamos trabalhando para garantir o cumprimento do Art. 225 da Constituição Federal, onde se garantiu que a “Educação, direito de todos, é dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando o pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania, e sua qualificação para o trabalho”.

Para alicerçar o processo democrático de construção coletiva e assegurar a participação qualificada de nossos representantes nos Conselhos Escolares e nos Fóruns de Educação, o SINTEGO, por meio por meio de seu Departamento de Conselhos e Gestão da Educação Pública, realizou, no dia 13 de abril, o Encontro de Conselheiros e Mem-

bros de Fóruns de Educação, em Goiânia.

Durante o encontro, ilustrado por palestras de Bia de Lima, presidenta do SINTEGO; Geraldo Profírio, diretor do departamento de Acompanhamento dos Conselhos do SINTEGO, Alberto Ribeiro do Carmo, professor de Sociologia da Educação da PUC Goiás; e João Batista do Nascimento, Mestre em Educação pela UFG, o público formado por representantes do SINTEGO em conselhos e fóruns se comprometeram com a visão do SINTEGO de que o papel da fiscalização e do controle social pode e deve ser melhor aproveitado, sobretudo para garantir uma melhor aplicação dos recursos públicos na escola pública.

O encontro permitiu ao SINTEGO tratar de um dos grandes desafios da atualidade, que é fazer com que os gestores públi-

cos respeitem a Constituição e deem lugar a uma gestão mais inclusiva nas escolas, permitindo a participação, fiscalização e controle dos diversos segmentos da sociedade civil organizada.

É assim que o SINTEGO contribui, na prática, com as mãos na massa para a construção da Escola Democrática em nosso estado de Goiás.



Bia de Lima
Educatória. Presidenta do Sintego.





BILHETE PRA UM OPERÁRIO

POR LOURENÇO DIAFÉRIA

Pegaram um dia um operário e disseram-lhe:
Senta-te no banco dos réus.
És acusado de haveres nascido com sonhos na cabeça.
És acusado de teres os cabelos encaracolados.
És acusado de teres bigodes vastos, negros, provocativos.
És acusado de teres alguns pedaços de dedos a menos que o comum dos mortais, podados pelas engrenagens das máquinas.
És acusado de ficares pelas esquinas conversando em voz baixa com amigos enquanto a luz dos postes te ilumina o suor do rosto.
És acusado de terem te visto no bar dando gargalhadas.
És acusado de tua casa ter um pequeno jardim com grama e flores.
És acusado de conheceres a sinfonia das sirenes das fábricas anunciando a aurora do primeiro turno.
És acusado de seres reconhecido na portaria e todos te cumprimentarem, e te baterem levemente nas costas com alegria, e te dizerem: olá, meu chapá.
És acusado de inventares um partido que não é o único, mas não se confunde com siglas e teorias de alfarrábios envelhecidos.
És acusado de fazeres discursos de improviso com vigor e garra que nascem do fundo das visceras do espírito.
És acusado de não seres magro

nem raquítico como teus irmãos deviam ser.
És acusado de jogares baralho e dares dores de cabeça aos homens sérios deste país.
És acusado de usares gravata em vez de macacão, vestindo-te com roupas só permissíveis no enterro do melhor amigo.
És acusado de frequentar reuniões e discutires com sábios e iluminados sem pedir licença nem apresentar diploma.
És acusado de te haverem visto com ministros, criaturas importantes, e não te ocorrer submeter-se a elas.
És acusado de não teres te colocado no lugar cavado para o oprimido.
És acusado de haveres gritado com toda a força de teus pulmões fuliginosos.
És acusado de teres filhos bonitos e uma mulher doce, que devia ser feia e talhada a foice.
És acusado de não seres rapaz comportado, meigo, gentil, acetinado.
És acusado de conheceres a prensa, e não te afugentar o ronco que ela faz na madrugada.
És acusado de queres a pátria livre, e livre, também, o coração e os sentimentos do homem.
És acusado de rezares e de pôr a boca no trombone quando todos se calam e descreem de Deus e dos homens.

És acusado de teres o desplante de ser líder num país desnaturado onde quem levanta a fronte é triturado.
És acusado de haveres perdido a paciência de esperar pelo futuro que não chega nunca.
És acusado de usares sapatos 42, de couro, quando o normal é sandália havaiana.
És acusado de romperes as cadeias invisíveis que amarram teus braços peludos e tuas mãos penadas.
És acusado de atraíres os operários com tua voz, teu berro, teu silêncio, teu olhar, tua dor, tua ânsia, teu mistério, e saberes contar, sorrindo, tristes histórias recolhidas em barracos e cômodos-e-cozinhas.
És acusado de estares em pé, quando devias estar de bruços, de borco, exangue e vencido.
És acusado de não seres o que queriam que tu fosses.
Meu caro operário sentado no banco dos réus, por favor, recebe este recado:
Se existir mesmo essa senhora difusa e vaga a que chamam Justiça, confia nela.
Não creio que essa matrona seja cega.

* Texto de Lourenço Diaféria, publicado no Jornal Folha de São Paulo, no dia 15/09/80.

GLIFOSATO CAUSARÁ AUTISMO EM 50% DAS CRIANÇAS ATÉ 2025

Corroborando uma crescente tendência no aumento das taxas de autismo, a bióloga Stephanie Seneff, cientista sênior de pesquisa do MIT, com mais de 170 artigos acadêmicos publicados, alerta que, no ritmo atual, 50% das crianças serão autistas em 2025.

Para a Dra. Seneff, no topo da lista dos culpados está o Roundup, o agrotóxico mais vendido da Monsanto, que contém glifosato. Como os transgênicos são um dos principais contribuintes para doenças neurológicas em crianças, o uso excessivo de glifosato em nossa alimentação está causando doenças como Alzheimer, autismo, câncer, doenças cardiovasculares e deficiências da nutrição.

Atualmente, 1 em cada 68 crianças nos EUA nasce com autismo, sendo essa a deficiência de desenvolvimento de mais rápido crescimento, com taxas aumentando em quase 120% desde o ano 2000. Em 10 anos, o custo para tratar as pessoas afetadas pelo autismo será de 400 bilhões de dólares por ano nos EUA, além dos custos emocionais incalculáveis, os quais as famílias pagarão diariamente para viver e apoiar uma criança com autismo.

Segundo a Dra. Seneff, há uma correlação estranhamente consistente entre o uso de Roundup em plantações (e a criação das sementes transgênicas Roundup-ready) e o aumento das taxas de autismo. A correlação entre os dois inclui biomarcadores, tais como a deficiência de zinco e ferro, baixo serum sulfato, convulsões e doenças mitocondriais.

Grande parte dos alimentos em prateleiras de supermercado contém milho e soja transgênicos, todos com pequenas quantidades de vestígios de glifosato. Isso inclui refrigerantes adoçados com alto teor de frutose (geneticamente modificados) e xarope de milho, batatas fritas, cereais, doces, e até mesmo barras de proteína de soja. Também, boa parte da carne e aves que ingerimos é alimentada com uma dieta de milho e soja transgênicos, os quais também contêm traços de glifosato.

Você acha que seu pão está seguro? Pense de novo. O trigo é frequentemente pulverizado com produtos químicos Roundup nas vésperas da colheita, significando que, exceto que seus produtos de pão ou trigo sejam certificados não-OGM e orgânicos, eles provavelmente contêm traços de glifosato.

Quando você soma tudo isso – estamos juntando glifosato a quase todos os alimentos que ingerimos, e ele está causando doenças graves. Segundo a Dra. Seneff, embora os traços de glifosato em cada alimento possam não ser grandes, o que preocupa é o seu efeito cumulativo, uma vez que tem sido encontrado glifosato no sangue e na urina de mulheres grávidas, e ele tem aparecido até mesmo em células fetais.



QUEM GANHA?

Lúcio Flávio Pinto

No ano passado, o Ministério da Saúde destinou 17,2 bilhões de reais para o programa que financia “práticas integrativas e complementares” no Sistema Único de Saúde, o SUS. Recentemente, foram incluídas 10 novas dessas práticas, como bioenergética, constelação familiar, cromoterapia, imposição de mãos, entre outras que não foram validadas por testes baseados em evidências científicas, segundo dados do Conselho Federal de Medicina.

Esse valor é quatro vezes mais do que o orçamento de todo o Ministério de Ciência, Tecnologia, Inovação e Comunicações. O que sobra para aplicar em toda Amazônia não chega a meio bilhão de reais.

Considerando que a região abriga a maior floresta tropical do planeta, sua maior bacia hidrográfica, a maior fonte de biodiversidade e 5% da superfície da Terra, é o bastante para concluir que a ciência nunca acompanhará a expansão das frentes econômicas. Sempre virá depois que os pioneiros se instalam em pontos avançados da fronteira.

O maior programa científico em curso resulta do Fundo Amazônia. Em agosto, ele fará 10 anos. Até o final de 2016 (conforme o último relatório divulgado; o atraso já é uma informação crítica), o fundo recebeu 2,9 bilhões de reais, dos quais 97,4% são doações do governo da Noruega, a fundo perdido, sem retorno. Não há nada

parecido na Amazônia. Talvez nem no Brasil.

Até o final do ano passado, os 96 projetos aprovados representavam um comprometimento de R\$ 1,6 bilhão, mas apenas R\$ 890 milhões foram liberados. O dinheiro está disponível, mas a gestão do projeto, a cargo do BNDES, é lenta, e faltam mais iniciativas.

A Noruega tomou a dianteira em favor de um fundo destinado a captar doações para investimentos não reembolsáveis “em ações de prevenção, monitoramento e combate ao desmatamento, e de promoção da conservação e do uso sustentável da Amazônia Legal”. Também apoia “o desenvolvimento de sistemas de monitoramento e controle do desmatamento no restante do Brasil e em outros países tropicais”.

Todos esses bons propósitos foram manchados pelo comportamento de uma das maiores empresas norueguesas e europeias. Fica no Pará o maior investimento fora da Europa da Hydro, empresa na qual o governo da Noruega possui mais de um terço das ações. O investimento inclui uma mineradora de bauxita, uma refinaria de alumina e uma metalurgia de alumínio.

No dia 17 de fevereiro, num dos muitos dias de chuva forte desse período, as águas das drenagens do município de Barcarena foram tingidas de vermelho. Logo se constatou serem vazamentos de rejeitos da

lavagem de bauxita. As investigações levaram à descoberta de pelo menos três canais de drenagem clandestinos de resíduos industriais contendo inclusive metais pesados, como o chumbo.

A Hydro negou tudo a princípio, mas teve que ir admitindo progressivamente que, de fato, era a lama vermelha tóxica (principalmente pelo uso de soda cáustica), que houve contaminação, que havia outras formas de drenagem e que os canais de despejo eram realmente ilegais. Só sustentou que a contaminação fora localizada e de baixo impacto.

A empresa se comprometeu a adotar um sistema de monitoramento e controle novo e completo, com investimento equivalente à verba federal anual de ciência e tecnologia na Amazônia e a mais da metade de tudo que o Projeto Amazônia já liberou para quase 100 projetos aprovados em 10 anos.

Afinal, só a Alunorte, a maior fábrica de alumina do mundo, onde aconteceu o acidente, onde faturou R\$ 7,7 bilhões no ano passado. O valor equivale à renúncia fiscal aprovada pelo governo do Estado para beneficiar as atividades da empresa por uma década e meia. O apurar dos resultados dessa aritmética leva a um novo questionamento sobre quem tira mais vantagens nessa história toda.



Lúcio Flávio Pinto

Jornalista. Sociólogo. Editor do Jornal Pessoal, publicação alternativa que circula em Belém (PA) desde 1987. Único jornalista brasileiro eleito entre os 100 heróis da liberdade de imprensa, pela organização internacional Repórteres Sem Fronteiras em 2014. Matéria publicada originalmente no site Amazônia Real: <http://amazoniareal.com.br/quem-ganha/>

SETE MITOS SOBRE TIRADENTES E A INCONFIDÊNCIA MINEIRA

Zezé Weiss

Joaquim José da Silva Xavier, conhecido na história como Tiradentes, foi enforcado e esquartejado no dia 21 de abril de 1792. Em 1965, foi proclamado Patrono Cívico da Nação Brasileira pela Lei 4.867 e é a única pessoa do país homenageada com um feriado na data de sua morte. Do século 18 para cá, muitas histórias se construíram ao redor da figura do mártir e da Inconfidência Mineira, revolta colonial da qual ele participou. Ao longo da história, muitos mitos foram construídos sobre Tiradentes e a Inconfidência Mineira. Alguns deles:

1. Os inconfidentes lutaram pela Independência do Brasil

Na verdade, não. Quando a Inconfidência Mineira ocorreu, no século 18, ainda não havia a mesma consciência de Brasil como nação que temos hoje. Logo, eles não buscavam libertar todos os estados brasileiros do domínio da Coroa Portuguesa. O movimento tinha motivações específicas da região das minas, e atingia no máximo os estados de São Paulo e Rio de

Janeiro. A bandeira do estado de Minas Gerais é baseada na bandeira que seria adotada após a Inconfidência Mineira. A expressão "Libertas quæ sera tamen" significa em latim "Liberdade ainda que tardia"

2. O grande motivo da Inconfidência Mineira foi a cobrança de impostos sobre o ouro retirado das minas

Não se pode dizer que a cobrança de impostos foi o único motivo, isso é reducionismo. Havia um arrocho tributário, sim, e a cobrança de impostos foi usada para exaltar os ânimos da população contra o governo. Mas não foi a causa do movimento", explica o professor Luiz Carlos Villalta, da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Ainda segundo ele, o que fez as pessoas se reunirem enquanto grupo e se voltarem contra a Coroa foi o fato de terem sido prejudicadas política e financeiramente por uma série de motivos. Alguns dos integrantes do movimento perderam cargos políticos e a possibilidade de praticarem negócios legais e ilegais que poderiam enriquecê-los. "Tiradentes, por exemplo, que era

militar, não foi promovido a Comandante do destacamento da Serra da Mantiqueira". Era por essa serra que o ouro de Minas Gerais chegava até São Paulo. Logo, sendo comandante militar da região, ele poderia contrabandear algum ouro em benefício próprio.

3. A Inconfidência Mineira foi o movimento separatista mais importante do Brasil

Não é bem assim. A Inconfidência teve um impacto muito importante para a história do país, mas muitas outras revoltas coloniais, até mais bem-sucedidas, ocorreram. A Revolução Pernambucana de 1817, por exemplo, conseguiu instituir um governo republicano, liberdade religiosa e de imprensa, soberania popular e abolição da escravatura lenta e gradual. Esse governo foi mantido por quase dois meses, mas foi violentamente reprimido pelo governo português. O movimento mineiro nunca passou de uma conspiração, mas por que então ganhou tanto destaque? "A Revolução Pernambucana ocorreu no Nordeste do país. Já a Inconfidência foi um

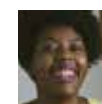
movimento da elite branca de uma região que detinha grande poder econômico e sempre foi mais valorizada do que as outras", explica Juliano Custódio Sobrinho, professor de História da Uninove.

4. Era líder do movimento

Essa é uma afirmação bastante equivocada. Apesar de ter tido um papel muito importante, nunca foi líder. "Foi ele quem levou as discussões que ocorriam em reuniões privadas para um ambiente mais público, como sítios, prostíbulos, tavernas. E como ele não era uma pessoa tão bem relacionada quanto os outros inconfidentes, era o de classe mais baixa entre eles e não pertencia ao grupo de letrados, foi usado como bode expiatório", explica Luiz Carlos Villalta, professor do departamento de História da Universidade Federal de Minas Gerais.

5. Ele se entregou para salvar os outros inconfidentes

Na verdade, ele foi entregue. Em uma espécie de delação premiada, o coronel Joaquim Silvério dos Reis, que inclusive era amigo de Tiradentes, denunciou os colegas às autoridades da Coroa Portuguesa para obter o perdão de suas dívidas.



Nairim Bernardo
Jornalista. Excerto de artigo publicado site Nova Escola
<https://novaescola.org.br/>

6. O sumiço da cabeça de Tiradentes não passa de uma lenda

Pode parecer mentira, mas não é. A pena imposta a ele é chamada de punição exemplar, ou seja, deveria servir de exemplo para que outros não cometessem o mesmo erro de trair o rei. Para que isso ficasse claro para o maior número possível de pessoas, seu corpo foi esquartejado e as partes expostas em locais públicos. A cabeça estava exposta em uma praça da cidade de Ouro Preto, antiga Vila Rica. Durante a noite, ela simplesmente sumiu. Hoje, a praça possui o nome de Tiradentes.

7. O corpo do mártir está enterrado no município mineiro de Tiradentes

Não. O que sobrou de seu corpo, foi enterrado em segredo no altar da antiga Capela de Sant'Anna de Sebolos, atual Igreja Nossa Senhora de Sant'Anna de Sebolos, que fica no município de Paraíba do Sul, no estado do Rio de Janeiro.



ARA ETÉ

POR QUE AS MÃES GUARANI REJEITAM A CRECHE?

José Ribamar Bessa Freire



Créditos: rosa gaudiano - povosindigenas.com

Essa e outras questões constam na dissertação de mestrado em antropologia “Viver na língua guarani: mulher falando”, defendida nesta quarta (28) no Museu Nacional (UFRJ) por Ara Reté, nome de batismo de Sandra Benites, que encontrou uma via original para redigi-la: caminha com um pé na aldeia, outro na academia. Assim, vai narrando sua própria vida e, através dela, tece reflexões num vai-e-vem contínuo pela ponte que liga os dois mundos. Relatos orais da avó parteira e as histórias de *Nhandesy Eté* – figura feminina da cosmologia guarani – dialogam com ensaios de antropólogos não indígenas.

O nascimento e a infância na

aldeia é a ocasião para discutir o parto e o corpo da mulher como lugar de conhecimento e como território. Sua alfabetização em português, língua estranha, e sua atuação já como professora suscitam observações sobre escola, letramento, oralidade, língua, bilinguismo e a “doença” do unilinguismo. Quando conta como foi sua adolescência, o casamento, os filhos, aproveita para abordar a identidade étnica e de gênero, a educação e a saúde das crianças. Na mudança para a cidade discorre sobre a situação dos índios em contexto urbano.

UM PÉ NA ALDEIA

Conhecida na universidade

como Sandra Benites, *Ara Reté* nasceu em 1975 na aldeia Porto Lindo, em Japorã (MS), de mãe e pai que falavam variedades distintas do guarani. Sua avó materna *Kunhã Takua* fazia partos de mulheres escondidas na mata com medo dos “brancos”. “Como fui educada por minha avó, sou *Nhandewa*, apesar de meu pai ser Kaiowa. São povos diferentes, mas que têm em comum histórias como a de *Nhandesy*, o que já foi registrado por antropólogos e linguistas” – escreve. Viveu a infância em Porto Lindo, onde casou aos 16 anos e se tornou mãe de quatro filhos.

No primeiro capítulo, a pesquisadora narra sua caminhada (guatá) e expõe a sabedoria da

mulher guarani, seu modo de viver (teko), destacando como concebe a educação e a saúde dos filhos. Reproduzo aqui trechos da dissertação em português com expressões em guarani, que adquire assim visibilidade.

“Na sociedade guarani, a sabedoria se expressa através do corpo e da língua, sempre levado em conta a cosmologia e os costumes. As mães não têm hábito de deixar os filhos em creche, distante delas, em lugar desconhecido, com pessoas desconhecidas, porque isso gera um susto grande nas crianças que pode causar *nheẽ mondyi*, espírito assustado, as crianças ficam deprimidas. O espírito assustado traz *nhemirõ*, ou seja, tristeza, desencanto, depressão, a ponto de a criança querer voltar para a *amba* dela, que é a morada celeste.”

“Para os Guarani, a saúde das crianças depende do bem-estar da mãe. Mães com problemas psicológicos, estressadas, tristes, vivendo na correria, pressionadas, certamente ficarão *poxy*, ou seja, revoltadas, impacientes e, na maioria das vezes, transferem para os filhos esses sentimentos. O que você está sentindo, seu filho também sente. Isso tem a ver com a caminhada de *Nhandesy* na terra. Sem estar no estado de *guapy* – calma, tranquila, em silêncio – facilmente a mulher se descontrola, o ‘sangue sobe à cabeça’ tornando-a vulnerável.”

ARANDU E O CORPO FEMININO

A avó de Sandra Benites dizia que “as mulheres não precisam morrer fisicamente para estarem mortas nessa vida”. Sandra explica: “Os problemas de saúde refletem, especialmente, no *akã* (cabeça), a nossa base, onde nós mulheres suportamos tudo. As Guarani, nesse estado emocional, não demonstram seus sentimentos, diferentemente dos homens.

É nesse contexto que muitas ‘se entregam’ *nhemẽ*, ficam doentes emocional e fisicamente, se entristecem, ficam *nheẽ kangy*, com o espírito fraco, *py’a kangy*. A minha avó dizia: ‘Depois que alguém fica *nhemyrõ*, o seu espírito já está morto’.”

Segundo ela, “as dificuldades da mãe interferem no bem-estar do filho, a criança pode ficar pirracenta, chorar à toda, *piary*, crianças *guapy kuaa he’yn wa’e*, que não conseguem se sentar, inquietas, assustadas. Essa mesma criança quando adulta pode ficar impaciente com as coisas, com as pessoas, ser revoltada, surtada, *py’a tarowa*. O susto que a criança leva também tem consequências mais adiante, na vida adulta.”

“Os cuidados com o corpo feminino são muito importantes para a construção do ser mulher guarani e evitar o estado de *poxy*, de vulnerabilidade, dos efeitos do sangue, *tuguy*. Na menstruação nós nos construímos como mulher e aprendemos a cuidar do próprio corpo, ficamos de resguardo em casa, evitando certos alimentos, fugindo do estresse ou do barulho excessivo, para não ficarmos com dor de cabeça. Não abrimos mão desses saberes únicos sobre o corpo, nem sempre reconhecidos pelo *jurua* (branco), mas que nós preservamos e praticamos.”

“Arandu são os saberes repassados através das narrativas orais. A minha avó explicava a netos e netas que essas histórias com as experiências de *Nhanderu Ete* e de *Nhandesy Ete* devem ser contadas para não cometermos os mesmos equívocos. Ela sempre dizia que os ensinamentos estão na própria língua guarani. Portanto, os homens precisam ouvir e aprender que as mulheres são corpos diferentes, que devem ser entendidos em sua complexidade para serem respeitados.”

A ESCOLA: UMA TORTURA

No segundo capítulo, Sandra “atravessa a ponte” na expressão de B. Meliá. Relata sua experiência traumática como aluna na escola da FUNAI e depois como professora na aldeia Boa Esperança (ES) onde passou a residir até se mudar para o Rio de Janeiro, a fim de cursar o mestrado, depois da Licenciatura Intercultural na Universidade Federal de Santa Catarina. Cita a sábia *Kunhã Takua*: “Minha avó dizia que não podia acreditar muito no papel, pois o papel é cego, a escrita não tem sentimentos, não anda, não respira, é história morta”.

“Lembro-me da hora de ir para a escola. Eu era criança, não sabia falar português e fiquei assustada, sentia medo, apesar de assim mesmo querer aprender a ler e a escrever. Hoje entendo essa angústia e o atrito entre a educação tradicional guarani e a educação escolar. As lembranças que guardei não são boas. Eu tinha horror de estudar pelo fato de não saber falar português, me sentia como se estivesse no alto pendurada pelos pés, de cabeça para baixo. A escola era um sofrimento, me dava angústia terrível, mas eu tinha que obedecer.”

“Só de pensar que tinha de encarar aquele lugar terrível, passava mal e me dava até febre. Já não queria mais aprender a ler e escrever, a angústia tomava conta de mim. Só pensava numa estratégia para driblar o professor, contra a pressão que ele exercia sobre nós. Não conseguia escrever nada, por medo de ser castigada. O medo me travaava toda. Como as crianças guarani sempre reagem a partir do *nhemondyi*, irei explicar este “sentimento de susto”, que deve ser evitado, que pode levar até à morte ou deixar sequelas físicas (diarreia, vômito, febre) e problemas psicológicos.”

Para os Guarani, o mau humor de uma pessoa insegura é visto como uma doença, um problema de saúde. Todas as coisas estão ligadas com a educação, inclusive a saúde. Se os *juruá* se preocupam com uma pessoa depois dela ficar doente, nós, ao contrário, nos preocupamos em prevenir. Por essa razão procuramos compreender e respeitar cada *teko*. Na escola em que eu estudei, não havia preocupação e respeito. O professor só usava o português. Era muito ruim e nos castigava por qualquer coisa. Minha alfabetização foi assim”.

OUTRO PÉ NA CIDADE

“Trago lembranças do tempo dramático vivido na escola para tirar delas alguma lição. Com os problemas que enfrentei procuro aprender, melhorar, evoluir, dar sentido à memória da minha avó, responsável maior pelos meus conhecimentos e pela coragem que carrego comigo. Devo às *kunhangue*, às mulheres, mesmo ocultas em sua própria história. Elas sempre estão lutando, incansavelmente, para manter sua sabedoria e a própria fala, *aywu*, *nheë*, espírito, palavras, que no

dia a dia são vividos, narrados, contados e sentidos, através da lembrança de *Nhandesy*”.

O terceiro capítulo explicita as diferenças de gênero ao registrar a história de *Nhandesy Ete* (Nossa Mãe verdadeira) que funciona como uma espécie de arquivo vivo da sabedoria das mulheres dentro da organização social guarani.

Ela fala dos deslocamentos de muitos índios da aldeia para a cidade, em todo o Brasil, destacando Mato Grosso do Sul como um caso extremo, pela invasão das terras indígenas e por todo tipo de violência que atinge as mulheres.

Residindo agora no Rio de Janeiro, Sandra se pergunta o que fazer com a sabedoria de *Nhandesy* dentro do contexto urbano, que valor tem esse saber, como discutir o papel da mulher indígena na sociedade atual, dividida entre o que ela denomina de *micro teko* (individual) e o *macro* (coletivo) que se sobrepõe ao *arandu* da mulher: “Como ensinar o eu aprendi com minha avó às mulheres guarani e *juruá* para que fiquem protegidas e evitem que o homem tenha poder sobre elas?” – indaga. Sua resposta

vem no final da dissertação:

“Os Guarani ainda vivem intensamente nas suas rezas, apesar das dificuldades enfrentadas. Na minha caminhada aprendi com as mulheres, com o que ouvia da minha avó e da minha mãe, que diziam: – Somos terra, somos chão, somos rios e pássaros e plantas que dão flores e frutos, porque as mulheres sempre existiram no universo para habitar a terra.”

P.S. Sandra Benites: “*Viver na língua Guarani Nhandewa: mulher falando*”. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS) – Museu Nacional. Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2018. Banca: Bruna Franchetto (orientadora), Luísa Belaúnde (PPGAS) e José R. Bessa (UNIRIO-UERJ). Ao lado Chiquinha Pareci, primeira doutora indígena do Museu Nacional, que defendeu a tese no mesmo 28 de fevereiro de 2018.



José Ribamar Bessa Freire
Jornalista. Gestor do site TaQuiPraTi.



A QUEM INTERESSAVA A MORTE DE MARIELLE?

Ana Perugini

Muito fácil escrever sobre esse símbolo global em que se transformou Marielle Franco, de 38 anos, vereadora eleita com mais de 46 mil votos na capital fluminense: mulher negra, nascida na favela, com a irreverência dos jovens inteligentes e solidários, que incorporou todas as características dos revolucionários, acostumados ao combate de injustiças as mais diversas, também graças a uma trajetória acadêmica típica da história dos estudantes das classes média e alta da sociedade brasileira, com pós-graduação e doutorado nas áreas de Administração Pública.

Essa linda narrativa, que mais parece de um conto épico e festivo, desde o início da noite de 14 de março, colocou o Brasil no centro do debate sobre a violência urbana e opressão racial em pleno regime de intervenção federal, sob comando militar, no Estado do Rio de Janeiro. De Norte a Sul do país, uma pergunta que não quer calar: a quem interessava a morte de Marielle?

Marielle representa a democracia estrangulada no Brasil, um país que passa por sucessivos golpes contra os trabalhadores e trabalhadoras. Diante de tão nefasta conjuntura, associada à crescente violência (homicídios, assaltos e drogas), a nação reage, contraditoriamente, ora com apatia, ora com indignação.

A indignação, num ritmo avassalador, tomou as redes sociais imediatamente ao anúncio da morte da ativista social, executada dentro do carro ao sair de uma reunião com mulheres

negras, com a temática do empoderamento em debate. A lamentar, a atitude de pessoas que se puseram a macular a imagem de Marielle.

Penso que, antes mesmo de qualquer opinião a respeito de um caso que carrega todos os sinais de crime premeditado, a sociedade tem a obrigação de preservar a imagem da vítima. E, assim, por um dever de responsabilidade e humanidade, cobrar das autoridades policiais e governamentais a apuração e o esclarecimento do crime.

Até porque se trata de uma cidadã que atuava, como representante política de uma parcela da sociedade estabelecida na capital fluminense. Representante legítima, eleita democraticamente, levada à Câmara de Vereadores do Rio de Janeiro pela vontade popular. Era a vítima, portanto, a voz de um segmento que precisa dos serviços públicos.

Tinha a vereadora, entre tantas bandeiras, a defesa da integridade de sua gente humilde, historicamente atingida pelo preconceito, exposta a todo tipo de constrangimento e atos de repressão policial, além do que trabalhava para estender o horário de funcionamento das creches, especialmente para atender as demandas das mães que chegam tarde da noite em casa, na volta do trabalho.

Cabe ao Estado elucidar as circunstâncias e a motivação desse caso típico de execução, cometido com munção colocada pelo próprio Estado Brasileiro aos cuidados de forças da Segurança Pública. Daí ainda maior a

gravidade do caso.

Marielle viveu para os outros, como nos ensina e nos incentiva o papa Francisco: “os rios não bebem sua própria água; as árvores não comem seus próprios frutos. O sol não brilha para si mesmo; e as flores não espalham sua fragrância para si. Viver para os outros é uma regra da natureza...”

Esforçada, focada e vitoriosa, Marielle é uma luz que não pode se apagar!

O mesmo significado tem a vida de seu motorista, Anderson Pedro Gomes, também vítima dos tiros disparados contra Marielle. Somos todos luzes do mundo!

Mataram a vereadora da favela e 46 mil eleitores. No entanto, esse crime covarde despertou milhares – talvez milhões – de pessoas, no Brasil e no mundo, dispostas a resistir e ampliar a luta de Marielle Franco por uma sociedade mais justa, fraterna e livre de preconceitos. A superação da violência, acima de tudo, como maior desafio da sociedade brasileira, como nos pede e nos incentiva a Campanha da Fraternidade deste ano. Afinal, Marielle é inspiração de luta e símbolo de fraternidade!



Ana Perugini
Deputada Federal pelo PT-SP

Fonte: www.ptnacamara.org.br



COMO O PATRIARCADO DESMANTELOU O MATRIARCADO, DIABOLIZANDO A MULHER

Leonardo Boff

É difícil rastrear os passos que possibilitaram a liquidação do matriarcado e o triunfo do patriarcado, há 10-12 mil anos, mas foram deixados rastros dessa luta de gênero.

A forma como foi relido o pecado de Adão e Eva nos revela o trabalho de desmonte do matriarcado pelo patriarcado mediante um processo de diabolização da mulher.

Essa releitura foi apresentada por duas conhecidas teólogas feministas, Riane Eisler (*Sex Myth and Politics of the Body: New Paths to Power and Love*, Harper San Francisco 1955) e Françoise Gangne (*Les dieux menteurs*, Paris, Editions Indigo-Côtes Femmes, 1997). Segundo essas duas autoras se realizou uma espécie de processo de culpabilização das mulheres no esforço de consolidar o domínio patriarcal.

Os ritos e símbolos sagrados do matriarcado são diabolizados e retroprojetados às origens na forma de um relato primordial, com a intenção de apagar totalmente os traços do relato feminino anterior. O atual relato do pecado das origens, acontecido no paraíso terrenal, coloca em xeque quatro símbolos fundamentais da reli-

gião das grandes deusas-mães.

O primeiro símbolo a ser atacado foi a própria mulher (Gn 3,16) que na cultura matriarcal representava o sexo sagrado, gerador de vida. Como tal ela simbolizava a Grande-Mãe, a Suprema Divindade.

Em segundo lugar, desconstrói-se o símbolo da serpente, considerado o atributo principal da Deusa-Mãe. Ela representava a sabedoria divina que se renovava sempre como a pele da serpente.

Em terceiro lugar, desfigurou-se a árvore da vida, sempre tida como um dos símbolos principais da vida. Ligando o céu com a terra, a árvore continuamente renovava a vida, como fruto melhor da divindade e do universo. O Gênesis 3,6 diz explicitamente que "a árvore era boa para se comer, uma alegria para os olhos e desejável para se agir com sabedoria".

Em quarto lugar, destrói-se a relação homem-mulher que originariamente constituía o coração da experiência do sagrado. A sexualidade era sagrada pois possibilitava o acesso ao êxtase e ao saber místico.

Ora, o que fez o atual relato do pecado das origens? Inverteu totalmente o sentido profundo e verdadeiro desses símbolos. Des-

sacralizou-os, diabolizou-os e os transformou de bênção em maldição.

A mulher será eternamente maldita, feita um ser inferior. O texto bíblico diz explicitamente que "o homem a dominará" (Gn 3,16). O poder da mulher de dar a vida foi transformado numa maldição: "multiplicarei o sofrimento da gravidez" (Gn 3,16). Como se depreende, a inversão foi total e de grande perversidade.

A serpente é maldita (Gn 3,14) e feita símbolo do demônio tentador. O símbolo principal da mulher foi transformado em seu inimigo fidalgo: "porei inimizade entre ti e a mulher...tu lhe ferirás o calcanhar" (Gn 3,15).

A árvore da vida e da sabedoria vem sob o signo do interdito (Gn 3,3). Antes, na cultura matriarcal, comer da árvore da vida era se imbuir de sabedoria. Agora comer dela significa um perigo mortal (Gn 3,3), anunciado por Deus mesmo. O cristianismo posterior substituirá a árvore da vida pelo lenho morto da cruz, símbolo do sofrimento redentor de Cristo.

O amor sagrado entre o homem e a mulher vem distorcido: "entre dores darás à luz os filhos; a paixão arrastar-te-á para o marido e

ele te dominará" (Gn 3,16). A partir de então se tornou impossível uma leitura positiva da sexualidade, do corpo e da feminilidade.

Aqui se operou uma desconstrução total do relato anterior, feminino e sacral. Apresentou-se outro relato das origens que vai determinar todas as significações posteriores. Todos somos, bem ou mal, reféns do relato adâmico, antifeminista e culpabilizador.

O trabalho das teólogas pretende ser libertador: mostrar o caráter construído do atual relato dominante, centrado sobre a dominação, o pecado e a morte; e propor uma alternativa mais originária e positiva na qual aparece uma relação nova com a vida, com o poder, com o sagrado e com a sexualidade.

Essa interpretação não visa re-primar uma situação passada, mas, ao resgatar o matriarcado, cuja existência é cientificamente assegurada, encontrar um ponto de equilíbrio maior entre os valores masculinos e femininos para os dias atuais.

Estamos assistindo a uma mudança de paradigma nas relações masculino/feminino. Esta mudança deve ser consolidada com um pensamento profundo e integrador que possibilite uma felicidade pessoal e coletiva maior do que aquela debilmente alcançada sob o regime patriarcal.

Mas isso só se consegue destruindo relatos que destroem a harmonia masculino/feminino e construindo novos símbolos que inspirem práticas civilizatórias e humanizadoras para os dois sexos. É o que as feministas, antropólogas, filósofas e teólogas e outras estão fazendo com expressiva criatividade. E há teólogos que se somam a elas.



Leonardo Boff
Filósofo. Teólogo. Escritor.
Excerto do livro *Saber Cuidar*.
18ª Edição. Editora Vozes.
2012.

A IDEOLOGIA DA CIDADE DE ATTÍLIO

Antenor Pinheiro

O dia 27 de agosto de 1943 reuniu o urbanismo e a música popular brasileira (MPB) numa tragédia aérea ocorrida no aeroporto Santos Dummont do Rio de Janeiro. Após infeliz tentativa de pouso por parte do piloto, o avião da VASP (Viação Aérea de São Paulo) atinge o teto da escola naval adjacente à pista de pouso e se espatifa. Morrem o jornalista Cásper Libero e o arcebispo de São Paulo Dom José Gaspar d'Afonseca e Silva, mas também o jovem arquiteto urbanista Attilio Corrêa Lima, autor do Plano Urbanístico de Goiânia (PUG).

A MPB entrou nessa história momentos antes, ainda no balcão da VASP do aeroporto de Congonhas, quando Attilio intentava um lugar no fatídico voo. Ao antecipar seu retorno para o Rio de Janeiro, Attilio resolveu não o fazer de trem e aguardava ali a desistência de algum passageiro. Conseguiu, pois Ary Barroso desistira da viagem e a vaga se abriu para Attilio, 42 anos – perdeu o urbanismo brasileiro, ganhou a MPB – coisas da vida!

Curiosidades à parte, a história de Attilio é cheia de passagens e surpresas importantes, afinal foi o primeiro urbanista

brasileiro formado na Escola de Belas Artes do Rio de Janeiro a estudar no Instituto de Urbanismo da Universidade de Paris sob forte influência positivista, mas vinculado à corrente inovadora presente na arquitetura moderna que surgia na Europa.

Muito pesquisado no ambiente acadêmico e bastante concorrido em razão de suas obras executadas em Volta Redonda, Niteroi e Recife, nenhum dos pesquisadores identificou em seus traçados o que vislumbrei no PUG: a forte conotação ideológica de esquerda presente na mobilidade urbana proposta para a nova cidade.

Nesse aspecto vale observar que, desde sua concepção até à atualidade, o traçado de Attilio se apresenta mais que uma representação desenhada a conectar as atividades citadinas à vigorosa monumentalidade erigida do projeto de fundação da nova capital.

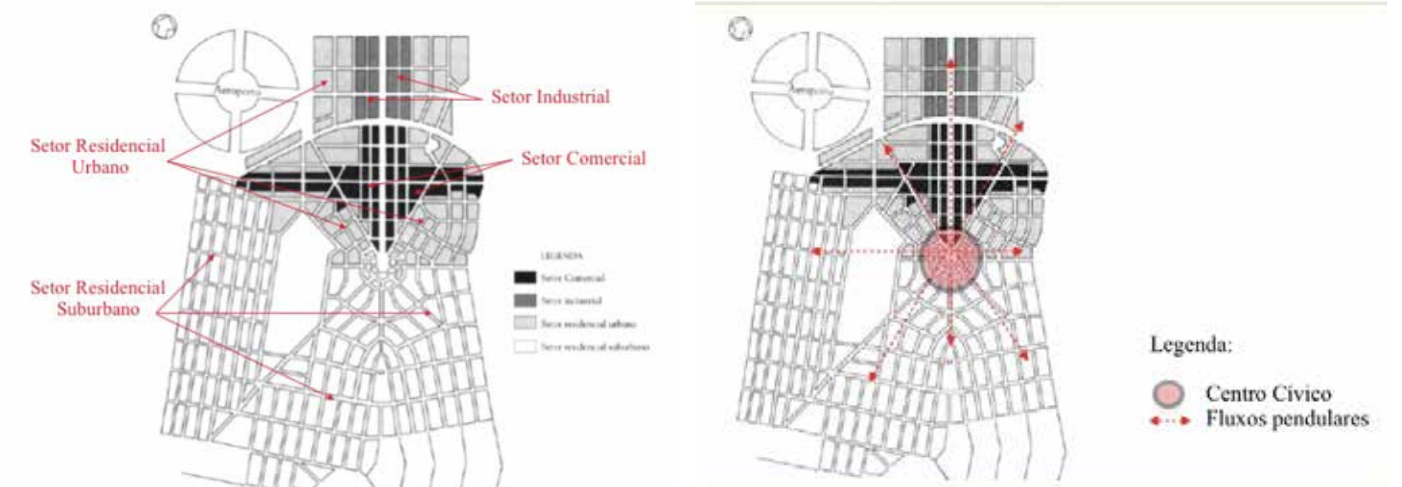
O traçado do PUG é mais esplendoroso que isso, pois interfere em dimensões ideológicas que tocam a escala humana, aqui representada pelo rotineiro movimento pendular de seus habitantes: o ato de caminhar entre residência-trabalho-residência. Sim, o traçado de Attilio refor-

ça a componente ideológica que explica a produção do espaço como elemento transformador da relação homem-natureza, essência geográfica suportada nas relações de produção capitalistas. E não há outro elemento motriz que não o ato de caminhar, reunir, mobilizar para materializá-lo.

Se observarmos o zoneamento da nova paisagem do sertão brasileiro proposta e executada por Attilio, verificamos que ele estimula o movimento cívico constantemente. Mesmo que não desejasse, a expressão nele contida designa motivação mobilizadora de pessoas na medida em que nega a alienação do trabalho no espaço construído.

No traçado de Attilio as forças produtivas estão rigorosamente assentadas de sorte a garantir aos trabalhadores a condição de veio dinâmico na vida política da cidade. Note-se que os espaços de produção (setor industrial) e de serviço e consumo (centro comercial) possuem direta e generosa conexão espacial confluyente ao centro do poder político (centro administrativo cívico), cuja localização é entornada por setores residenciais urbanos e suburbanos, este predominante (figura 1).

figura 2



A configuração espacial do PUG remete o jovem urbanista ao pensamento da geografia crítica por meio do qual o espaço deve ser pensado como produto social, fruto das relações sociais de produção. O espaço produzido a partir dos traços de Attilio possibilita uma cidade mais funcional e militante onde o sujeito seria

o protagonista da ação política, onde o sujeito seria o agente espacializador das coisas. Portanto, uma leitura mais marxista e libertária que necessariamente modulada pelo desejo conservador da elite governante da época e seguintes.

Confirmam o vigor ideológico do traçado do PUG os diversos

momentos políticos cívicos marcantes da cidade. Aos chamamentos às causas diversas, em poucos instantes as marchas a pé venceram os espaços viários radiais rumo ao centro cívico para se manifestarem (figura 2).

figura 2



Antenor Pinheiro
Jornalista. Comentarista da CBN Goiânia. Membro da Associação Nacional de Transportes Públicos /ANTP.

DAQUELE 1º DE ABRIL QUE EU VIVI EM 1964, NADA MUDOU

Trajano Jardim

Nos dias que antecederam o 1º de abril de 1964, a agitação deixava todos tensos. O comício de 13 de março na Central do Brasil criara um misto de confiança e, ao mesmo tempo, de preocupação sobre que rumo o País tomaria. Cada setor da sociedade tinha uma avaliação particular.

Boatos sacudiam os noticiários dos jornais, do rádio e da televisão, que ainda engatinhava. O Comando Geral dos Trabalhadores (CGT) de há muito vinha se reunindo com regularidade, com o objetivo de avaliar a situação e organizar a resistência ao golpe que, na opinião de alguns, “estava em marcha”.

E o golpe que estava em marcha chegou no dia 1º de abril. O dia 2 amanheceu e só aí a “ficha caiu”. E agora? O que fazer? (Voltávamos

a Lenin, na derrota de 1905). Naquela época a comunicação não tinha as facilidades de hoje. Os contatos eram interpessoais e institucionais. Concluí que a minha vida a partir daquele momento iria virar “de ponta a cabeça”.

Não queria acreditar no velho Erasmo, camarada que me filiou ao Partidão, quando profetizou “esse é um golpe para 20 anos”. Infelizmente ele acertou em cheio. Foram exatamente vinte anos, dos quais sete eu vivi na clandestinidade e por quase dois passei exilado na saudosa União Soviética.

Mesmo assim, apesar das muitas baixas sofridas, resistimos à ditadura militar. Reconstruímos, embora de forma frágil e com tropeços, a democracia. Durante a Constituinte de 1988 enfrentamos os mesmos adversários golpistas de

1964. Alinhados no chamado “centrão” impediram progressos sociais consistentes, que poderiam ter feito o Brasil avançar rumo a uma sociedade justa e democrática.

Ficamos no meio do caminho, dentro de um processo híbrido, com as portas escancaradas para o neoliberalismo, com suas políticas liberalizantes de entrega do patrimônio nacional.

Embora com incompreensões e equívocos das forças progressistas e de esquerda, em 2003, elegemos um metalúrgico a presidente da República. A esperança ressurgiu. Estávamos diante da possibilidade de construção de um novo processo de desenvolvimento voltado para a maioria da população e não acuramos que o inimigo não dorme.

Diante das políticas empreendidas pelo governo democrático

e popular, que por certo emancipariam os trabalhadores, os estudantes, as mulheres e a população do campo, eles criaram as condições para um novo golpe e, com isso, destruir os avanços conseguidos.

As mesmas forças de 1954, 1961/64, sempre com apoio da grande mídia conservadora e do judiciário-político, criaram o ambiente propício para o retrocesso. Agora com o propósito de retirar as conquistas dos trabalhadores consignadas na Constituição e na Consolidação das Leis do Trabalho, conseguidas a ferro-e-fogo nos processos de lutas, com suor e lágrimas. Era preciso abalar as estruturas das organizações sociais e sindicais, com o uso de métodos nazifascistas, alicerçados na bandeira da anticorrupção, para ganhar as

mentes da classe média despolitizada e dominada pelos meios de comunicação conservadores.

O golpe de 31 de agosto de 2016, tendo como resultado a cassação do mandato de Dilma, embora sem o uso dos tanques e das armas, das mortes e torturas explícitas, foi mais destruidor.

Com métodos políticos similares aos usados pelos nazistas para chegar ao poder, os golpistas de agosto de 2016 criaram um estado de terror pela via da Segurança Pública e podem, inclusive, chegar à suspensão das eleições gerais de outubro.

Daquele 1º de abril que eu vivi nada mudou. As classes dominantes continuam na ofensiva para consolidar o retrocesso social e político e de destruição da soberania nacional.



Foto: https://jornalismoibmec.files.wordpress.com/2014/04/k08_110103911.jpg



Trajano Jardim
Jornalista e Professor
Universitário





Nós fazemos a Xapuri acontecer. Você, com sua assinatura, faz a Xapuri continuar acontecendo!

**REVISTA
IMPRESSA**

ANUAL

R\$ 120^{,00}
12 EDIÇÕES

BIANUAL R\$ 199^{,00}

24 EDIÇÕES
(BÔNUS: REVISTA DIGITAL)

**REVISTA
DIGITAL**

ANUAL

R\$ 60^{,00}
12 EDIÇÕES

BIANUAL R\$ 99^{,00}

BÔNUS: REVISTA IMPRESSA
(DO MÊS DA ASSINATURA)

ASSINE JÁ!

WWW.XAPURI.INFO/ASSINE



“No começo pensei que estivesse lutando para salvar as seringueiras, depois pensei que estava lutando para salvar a Floresta Amazônica. Agora, percebo que estou lutando pela humanidade”.

Chico Mendes

**CHICO
MENDES**

30
anos

UMA MEMÓRIA A HONRAR. UM LEGADO A CELEBRAR.